

REVISTA SOLANÁCEAS

Nº 01



ACADEMIA SOLANENSE DE LETRAS

SOLÂNEA – PARAÍBA

2022

ACADEMIA SOLANENSE DE LETRAS

REVISTA SOLANÁCEAS Nº 1

SOLÂNEA – PARAÍBA

2022

REVISTA SOLANÁCEAS

ACADEMIA SOLANENSE DE LETRAS

Fundada em 26 de novembro de 2021

COORDENADORES

Wolhfagon Costa de Araujo
Alexandre Eduardo de Araújo

DIAGRAMAÇÃO

Wolhfagon Costa de Araujo

CORREÇÃO/REVISÃO

Os autores

Araujo, Wolhfagon Costa de. (organizador)

Revista Solanáceas. Wolhfagon Costa de Araujo. 1ª.
ed., Solânea – Paraíba: Academia Solanense de
Letras, 2022. 98 p.

ISBN nº 978-65-00-43474-3

1. Literatura brasileira. 2. Poesia. 3. Conto. 4. Crônicas
I. Título. II. Antologia. III. Coletânea.

CDU: 82-1

ACADEMIA SOLANENSE DE LETRAS
MEMBROS EFETIVOS VITALÍCIOS

1. Wölfagon Costa de Araujo
2. Arnóbio Alves Viana
3. Josephus Joannes F. M. Floren
4. Geraldo Nogueira de Amorim
5. Maria dos Anjos de Oliveira
6. José Edilson Amorim
7. Lailton de Oliveira Bastos
8. Ana Cristina de Almeida Cavalcante Bastos
9. Edinaldo Cordeiro Pinto Junior
10. Fabíola Morais Agripino Teixeira
11. Francisco de Assis Pereira de Melo
12. Anderson Noel de Lima e Silva
13. Tiago Salvador
14. José Francisco de Araújo
15. Alexandre Eduardo de Araújo
16. Crísthophem Nóbrega
17. Djanira Meneses da Silva
18. José Liesse Silva
19. Maria Laurenice da Costa Fabrício
20. Antônio de Almeida Cavalcante
21. Abraão Nóbrega
22. Geraldo Belo da Silva
23. Kelson Martiniano Fausto de Macêdo
24. Manoel Luiz da Silva e
25. Wilson Bandeira da Silva Pereira
26. Leniêe Campos Maia
27. Maria Iêda Justino da Rocha
28. Fábio Antônio Soares Alves
29. Lindalva de Oliveira Lima
30. Manuel Batista de Medeiros

ACADEMIA SOLANENSE DE LETRAS

DIRETORIA

Wolhfagon Costa de Araujo (presidente)
Djanira Meneses da Silva (vice-presidente)
José Liesse Silva (secretário)
José Francisco de Araújo (tesoureiro)
Alexandre Eduardo de Araújo (diretor sociocultural)

CONSELHO FISCAL

Edinaldo Cordeiro Pinto Junior (presidente)
Abraão Pinto de Oliveira Nóbrega
Maria dos Anjos de Oliveira

SÓCIO HONORÁRIO/CORRESPONDENTE DA ASL (PORTO VELHO – RO)

Robson Souza de Oliveira

SÓCIO-CORRESPONDENTE DA ASL (SÃO PAULO – SP)

José Roberto Antero da Silva

SÓCIO-CORRESPONDENTE DA ASL (VALE DO PARAÍBA)

Fábio Mozar Marinho da Costa

SÓCIOS BENEMÉRITOS

José de Castro Neto
José Héilton Martins de Souza
Tonny Correia Marinho

SUMÁRIO

Apresentação.....	8
Alexandre Araújo.....	9
A ARTE COMO TRANSBORDAMENTO DA VIDA.....	10
Antônio Almeida.....	12
SOLÂNEA.....	13
Arnobio Viana.....	15
O CONTERRÂNEO.....	16
A AULA.....	18
Chicco Mello.....	20
SÃO SEBASTIÃO.....	21
SOLÂNEA.....	22
Cristina Bastos.....	23
É PRECISO SER FELIZ.....	24
Djanira Meneses.....	27
AYAHUASCA.....	28
Fábio Mozart.....	35
ELEGIA PARA SOLÂNEA.....	36
Francisco Araújo.....	42
A FLOR CAMALEOA.....	44
Geraldo Nogueira.....	49
A CASA DA RUA DO SERTÃO.....	50
JOSÉ FLOREN.....	53
PADRE IBIAPINA, SOLÂNEA TE AGRADECE!.....	55

Kelson Kizz.....	59
B + A = ?.....	60
Lailton Bastos.....	62
LEMBRANÇAS DOS ANTIGOS CARNAVAIS EM SOLÂNEA.....	63
Leniêe Campos Maia.....	66
O OLHAR E O VER.....	67
Liesse Silva.....	71
O AMOR.....	72
Lindalva de Oliveira.....	75
GRATIDÃO AO MEU TORRÃO BREJEIRO.....	76
Maria dos Anjos.....	79
CASAMENTO.....	80
Roberto Antero.....	82
BATERIA PROVIDENCIAL.....	83
SOLÂNEA D'OUTRORA.....	85
SABARÁ.....	88
CÉU PRETO.....	90
Wilson Bandeira.....	91
SOLIDÃO A DOIS.....	92
Wolhfagon Costa.....	93
FESTA DE ARROMBA.....	94
DOSE DUPLA.....	96
BALA U.....	97
DUREZA RECÍPROCA.....	98

APRESENTAÇÃO

Em agosto de 2013, quando do lançamento do nosso *Crônicas e Causos: aos 58 de minha idade, e 60 de Solânea*, no Grêmio Morenense, conversei com Ramalho Leite a ideia de criar uma entidade de escritores. Em 2020, na construção do *Crônicas coletivas: prosas solidárias*, apresentei a proposta aos colegas autores: Eduardo Araújo, Francisco Araújo, Ricardo Brito e Tiago Salvador. A proposta se estendeu pelo grupo WhatsApp Prêmio TCL Lab Solânea (Prêmio Tancredo de Carvalho de Literatura). Em novembro de 2021, na entrega do mencionado prêmio, voltei a destacar a criação da academia de letras.

Convocamos uma reunião, em seguida, e vários colegas abraçaram a ideia. 26 de novembro de 2021 é a data oficial de fundação da Academia Solanense de Letras – ASL. Portanto, a ideia é realidade: a ASL está constituída; é entidade jurídica de defesa e propagação da Cultura solanense, especialmente da sua Literatura.

No dia 30 de abril, será a solenidade de posse dos nossos confrades e congreiras, responsáveis por este construto coletivo na terra de Alfredo Pessoa de Lima, Manuel Batista de Medeiros, Antonio Tancredo de Carvalho e Joaquim Batista de Sena e tantos intelectuais.

A *Revista Solanáceas*, como órgão de divulgação do trabalho da entidade, traz poemas, contos e crônicas de nossos membros. Desejamos uma ótima leitura!

Wolhfagon Costa de Araujo
Presidente

ALEXANDRE ARAÚJO¹



Vivíamos o segundo ano da pandemia de COVID. Era agosto de 2021, quando a professora Silvânia Araújo me manda uma mensagem no WhatsApp anunciando a realização do Festival de Inverno Universitário. O *Campus III* da UFPB, estava deserto, estávamos em isolamento social. Então, achei maravilhosa a notícia; era momento de as “artes” gritarem, talvez anunciando outros ventos. Além do anúncio, veio também o convite para participar da abertura de evento, recitando uma poesia com o tema do encontro. Como raramente recuso esse tipo de “provocação”, logo agarrei-me às tintas emocionadas de minha alma e comecei a rabiscar essa poesia, que seria apresentada “ao vivo” no canal <<https://www.youtube.com/watch?v=snMAzLwLicY>>, em 16 de setembro de 2021.

¹ **Alexandre Eduardo de Araújo**, diretor sociocultural da ASL, é natural do Rio de Janeiro, mas nordestino por adoção. Engenheiro agrônomo e doutor em Engenharia agrícola, é poeta com trabalhos na área de cordel. É autor, dentre outras, da obra *Protegendo o ambiente Solânea está mais bonita*, com que ganhou o prêmio literário Tancredo de Carvalho (Lei Aldir Blanc – Solânea, 2021). Email: alexandreduardodearaujo@hotmail.com.

A ARTE COMO TRANSBORDAMENTO DA VIDA

Intrépida! Musa gentil de tantas faces
Enlaces! Cortando o tempo e o espaço
Mormaço, que reverbera angustiante
Hilariante, rugindo assim fazendo graça
Pirraça! Espíritos inquietos, inconformados
Amordaçados!? Jamais experimentaremos
Oremos! Ungidos na unção da liberdade
Que a grade, artisticamente rompida
Tingida no sangue colorido das artes
Poupastes? Nem a mais sem graça criatura
Fissura, vem Transformadora da Vida
A Arte? Em toda parte, a arte aflora
Na dor? No pranto de todas as dores
Horrores, cujas lágrimas afogam vidas
Feridas, sem mãe, sem pátria, sem berço
Desconheço, o que não transforma a Arte
Destarte, sonhos esperando a senda
Moenda, espreme e extrai o doce da cana
Africana, pulsam ancestrais raízes
Matizes, de diversificadas gentes
Vertentes, desaguando contos teatrais
Literais, em verso, prosa e musicalidade
Criticidade, apurando mui percepções
Convulsões, manifestas na liberdade cênica
Mutagênica, livre, liberta e não cativa
Oitiva, solidariedade que abraça gerações

Transformações, da vida tantas vivências
Experiências – Vivas, transformadoras
Auxiliadoras de tantas transformações
Emoções sentidas no âmago da alma
Acalma, acalenta o desassossego e a dor
Amor em tintas e pincéis redescoberto
Aberto nas pautas de acordes e notas
Cambalhotas, sentimentos, sensações
Expressões em amálgamas de acalantos
Encantos resignificando a existência
Resiliência, reencontro da social condição
Experimentação solidária da história
Trajetória no barro fraterna e solitária
Comunitária, coral de tantas sensibilidades
Humanidades – vida e arte em sentimentos
Rebentos, que em cada estrofe humaniza
Cicatrizada, renasce, segue, vive e reverbera
Soubera transformar vida em arte
Parte! Leva na pele dores e ferida
Da Vida – ora transbordando a Arte
Da Arte – transbordamento da Vida

ANTÔNIO ALMEIDA²



² Antônio de Almeida Cavalcante é natural de Solânea. Militante das causas sociais e poeta voltado para as questões populares. Publicou *Poemas e realidades*. Email: antoniopoetajp@gmail.com.

SOLÂNEA

Solânea que nasceu bela
Com o seu verde horizonte
És a rainha querida
Dos teus velhos habitantes
Tu és a deusa encantada
Dos sonhadores distantes

Tu que abrigas os poetas
Sobre ti fazendo versos
Enamorando a lua
Apaixonado confesso
Sentindo inspiração
Na emoção do regresso

O poeta que escuta
O canário cantador
No galho do limoeiro
Juntinho do beija-flor
Um cantando e o outro beijando
A rosa que Deus criou

Distante a gente sente
Saudade e muita emoção
Das festas de vaquejada
Das noites de São João
Deste teu verde planalto
E o campo de aviação

Solânea este teu planalto
Que é um jardim em flor
Neste povo hospitaleiro
Onde se encontra o amor
Conquistas a outros que aqui chegaram
E morando em ti ficaram

Você já foi Vila Branca
A ti chamaram Moreno
Quando tuas ruas eram
De tamanho ainda pequeno
Hoje você é Solânea
E teu verde vem reflorescendo

ARNOBIO VIANA³



³ **Arnóbio Alves Viana** é advogado, é conselheiro e ex-presidente do Tribunal de Conta do Estado da Paraíba. O solanense, ex-prefeito da sua cidade natal, além de deputado estadual, é amante das Letras e tem contribuído com textos em prosa ou em versos para a cultura, sobretudo na mídia paraibana. Email: arnobioviana@hotmail.com.

O CONTERRÂNEO

O Leblon é agradável. Suas poucas ruas abrigam pessoas conhecidas, com atitudes rotineiras, tudo lembrando uma pequena cidade do interior. Anualmente lá passo minhas férias, sempre acolhido pela querida Lili – tia de minha mulher.

Na última vez, fui do aeroporto, ainda com malas e bagagens, direto ao Le Coin, pequeno e tradicional restaurante do bairro.

Maravilhado pelos quentíssimos pastéis e insuflado pelos repetidos uísques, não tardei em dispensar Tia Lili. Disse-lhe, vaidoso, que conhecia a cidade, estava lúcido e não teria problemas de chegar ao seu apartamento. O maitre Moacir, amigo de longas jornadas, saiu em minha defesa, convencendo a anfitriã cuidadosa a deixar-me ficar. Na mesa ao lado duas propectas senhoras tomavam chopp e davam risadas estridentes. Quando dei por mim, a madrugada já chegara. Paguei a conta e, imprevidente, rumei pela Carlos Góis. De repente, entre as árvores enegrecidas, surgiu um homem baixo, raquítico, encerado, com uma faca na mão:

– Dinheiro, passa o dinheiro!

Ao ver a faca-peixeira, incontinenti, indaguei:

– Você parece que é da Paraíba como eu sou?

– Sou, respondeu-me o ladrão, surpreendentemente.

– De onde? – perguntei procurando cumplicidade...

– De lugar de cabra brabo!

– De Catolé do Rocha?

– Não, de Patos.

– Patos é lá terra de gente braba, redargui já cheio de razão: Patos é terra de Edvaldo Mota, Zé Cavalcanti, Dona Geralda, etc. Matreiramente, citei um rosário de políticos populistas... O ladrão

caiu num choro convulsivo, dizendo que realmente eu conhecia sua terra.

Confidenciou-me que era vendedor de rede, praticara ilicitudes, mas já pagara sua pena. Confesso que eu que fiquei com pena dele. Meti a mão no bolso e lhe dei os vinte reais que me restavam. Agradeceu-me comovidamente. Logo adiante, na guarita da Selva de Pedra, um guarda indagou-me se aquele transeunte estava importunando. Não, não – respondi resolutivo: é um velho conterrâneo que fazia tempo que eu tinha visto...

A AULA

A mulher de nariz empertigado olhou-me com desdém. Por cima do ombro, elevando a mandíbula proeminente, apontou para um ônibus escolar estacionado em plena praia do Cabo Branco. Era um domingo de sol e a cidade fervilhava de turistas. Logo entendi que a balzaquiana arrogante conhecia os ossos do meu ofício. Estava a cobrar-me uma espécie de ação fiscalizatória. Induzido por aquela indignação cidadã – tão em moda nas classes abastadas –, caminhei obediente e célere rumo à areia, querendo flagrar o que imaginara ser uma bebedeira irresponsável. Durou pouco essa minha ânsia midiática de promotor neófito...

Defrontei-me, em verdade, com uma senhora rosada e gorda, vestida à la mamãe Dolores, pastoreando caldeirões cuidadosamente areados. Ela estava abrigada numa frágil sombra de castanhola, rodeada de crianças saltitantes de felicidade. Tratava-se de uma simpática merendeira e, sem que eu nada perguntasse, explicou-me com ares de professora:

– São crianças do nosso interior, lá do Cariri. Na volta, vão contar em casa a beleza desse mundão de água salgada, obra de Deus. Tenho muitas comadres que morreram sem esse prazer. É como se fosse uma aula, não é doutor?

Nada respondi. Envergonhado comigo mesmo, meio tonto com o aparente murro no estômago, só me restou contemplar a “vastidão magnífica do mar que ressalta e reluz”. Aos meus olhos, confesso, nunca estive tão azul, imensamente azul... Por alguns instantes, embriagado de penitências, quedei-me reflexivo: será justo subtrair a essas crianças um direito universal? Será que o mar

também não lhes pertence? Ou elas estão irremediavelmente condenadas ao destino de seus avós? Não, isso não!

Dei alguns passos de volta, encarei a sábia merendeira dizendo-lhe, convicto:

– A senhora tem razão. Esta será uma aula magna!

E mandei às favas a mulher de nariz empertigado.

CHICCO MELLO



Francisco de Assis Pereira de Melo nasceu na Chã de Solânea. É filho de Luiz Lucas e Izabel. Fez ensino fundamental básico em escolas primárias e dentre outras professoras, destaca a escola de D. Zefinha Pessoa. Depois frequentou o Grupo Escolar Celso Cirne e escola de D. Maria José Coutinho. Fez "vestibulinho" pro Colégio Estadual de Solânea, depois Alfredo Pessoa de Lima. Prestou concurso pra Escola Técnica Federal da Paraíba em João Pessoa, mas terminou o terceiro colegial no Colégio Estadual de Bananeiras. Fez Licenciatura em Letras na Universidade Federal da Paraíba, com pós-graduação (Especialização em Língua e Literatura Francesa). Fez concurso pra Prefeitura e pro Estado de São Paulo, mudando-se assim definitivamente pra lá. Coursou mais duas pós em Literatura Brasileira Moderna e Pedagogia. Aposentou-se e agora mora na capital paraibana. Tem poemas publicados em livros e revistas e dezenas de produções publicadas em redes sociais.

SÃO SEBASTIÃO

São Sebastião que protege o Rio...
Que se faz presente como o primeiro
Que se fez soldado mas se fez inteiro
Sob as injustiças humanas em cio

Ah Sebál Por tua crença fostes condenado
Que por teres fé, num Cristo Jesus
Fostes sumariamente preso e açoitado
E te fizestes refém ao apostar na luz

Fé cega e fina, mas arma não pondera
Num quase final de um mês inteiro
Sem saber que um dia serias padroeiro

Da mais bela paisagem que um país tivera
De um povo tão pobre e por demais obreiro
E nobre, na contradição do Rio de Janeiro

SOLÂNEA

Sob o sol de Solânea
Sob a lâ e sua quentura, né? Ah?!
O sol que me fez brilhar ao nascer
Ah! A lâ que me fez esquentar e aquecer
E me envolveu em sua ternura
E me protegeu do frio do agreste
E me amparou do frio do leste.
Tanta verdura em sua paisagem
Tanta soltura em minha saudade
Pai mãe, irmãos e primos, sobrinhos, idade
E a sensação do ir a... e vir da cidade...
Liberdade é ter os pés no chão
No frio da Chã. Na doçura do Clã
No desejo, o beijo, o ensejo, o afã...
A cidade vista do alto da jaqueira
O correr a corrida a carreira
Duras lembranças na raça
Doces lembranças da praça
E o alto elevado da geografia
E o planalto borboremando-se sempre
Em sido feito, sendo-se, foi e será...
Solânea menina ainda
Filha de um Moreno ser.
Cresceu, virou mulher, agigantou-se
Continua fria no calor do Nordeste plural
E se faz bonita cada dia, fatal
Se faz em mim feito magia sem igual
Tatuada que está em minha pele d'alma
E me faz tranquilo, me alenta me acalma...

CRISTINA BASTOS



Ana Cristina de Almeida Cavalcante Bastos nasceu na cidade de João Pessoa e chegou para morar com seus pais na cidade de Solânea aos quatro anos de idade. Foi aluna do Jardim da Infância Lobinho, Escola Municipal Ernestina Pinto e Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Alfredo Pessoa de Lima. Foi professora do Colégio Comercial Arlindo Ramalho (atual EEEFM Arlindo Ramalho) e Gestora da EEEFM Alfredo Pessoa de Lima em Solânea. Atualmente é reabilitadora da Fundação Centro Integrado de Apoio ao Portador de Deficiência – FUNAD, desenvolvendo suas atividades na Assessoria de Educação Especial – AEE. Também é professora da EJA na rede municipal de ensino de João Pessoa. Mestre do Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões – UFPB. Possui especialização em Psicopedagogia Institucional e graduação em Pedagogia (2005) e em Estudos Sociais (UEPb/1988). É autora de artigos científicos na área de Educação Especial e Ensino Religioso. É autora do Livro *A formação do professor de ensino religioso: um novo olhar sobre a inclusão de alunos com deficiência na escola* (Fonte Editorial, 2015).

É PRECISO SER FELIZ

O desejo por felicidade é um anseio natural de todo ser humano e muitos passam toda sua existência numa busca desenfreada por este estado de espírito e não conseguem vivenciá-lo, porque o colocam como meta a alcançar naquilo que ainda não possuem.

É na busca do “ter” que muitas vezes, se perde a essência do “ser”, chegando-se ao ponto de se gerar uma vida com uma sensação de vazio existencial e cheia de frustrações, uma vez que a felicidade antes de estar em qualquer lugar ou situação não palpável e longe de nossa realidade, ela deve ser procurada e vivenciada naquilo que se tem, naquilo que se é, naquilo que se encontra dentro de nós mesmos.

Existe uma parábola que narra que um grande rei ficou de um momento para outro muito triste e essa sua tristeza o deprimia dia após dia. Os sábios do reino, juntaram-se todos e chegaram a uma conclusão: o rei voltaria a se alegrar se vestisse a camisa de um homem feliz. O rei encheu-se de esperança e tomado pela necessidade de voltar à sua vida anterior, reuniu alguns de seus súditos e partiu determinado a realizar o que seria para ele uma tarefa fácil. Começou a procurar nos reinos vizinhos, maiores que o seu, junto aos reis, príncipes e nobres de cada palácio que adentrava e ao fazer a tão esperada pergunta pela felicidade alheia, obtinha sempre uma resposta desanimadora:

– Ah! Eu seria feliz se tivesse...

– Ah! Eu seria feliz se eu fosse...

– Ah! Eu seria feliz se pudesse...

Já se sentindo fadado ao fracasso, o rei decidiu voltar para o seu próprio castelo e no retorno, embrenhou-se por uma mata que lhe serviria de atalho e perdeu-se no caminho.

Cansado, faminto e sedento, ouviu o barulho de um machado a cortar árvores e resolveu investigar então o que seria. Indo na direção do som, encontrou um lenhador de pés no chão, vestido apenas com uma bermuda surrada e bastante suado pelo árduo trabalho que estava desempenhando. O rei curioso com aquela cena, perguntou ao lenhador como ele se sentia em realizar uma tarefa tão rude em tão precárias condições e para sua surpresa, ouviu a seguinte resposta:

– Muito feliz, pois consigo com o suor do meu rosto prover meu sustento e de toda minha família.

Alvíssaras! Até que enfim, o rei voltaria a ser feliz! Bastava então apenas vestir a camisa daquele homem, o que prontamente lhe foi solicitado. Mas para a sua infelicidade, ouviu do lenhador a seguinte resposta:

– Meu rei, eu atenderia de imediato ao seu pedido, mas não posso fazê-lo porque não tenho camisa.

Esta parábola nos mostra que poder, status, riqueza, títulos honoríficos ou qualquer outra forma de ostentação externa, não são garantidores da obtenção da felicidade, até porque este estado de espírito é composto por diversas emoções e sentimentos, que na maioria das vezes é conquistado quando iniciamos um movimento de mudança do foco do nosso olhar, ao aprendemos a valorizar aquilo que somos e o que temos.

Como a felicidade não é um estado pleno e estático pois depende das situações vivenciadas por nós no dia a dia da longa trajetória que é a vida, torna-se imprescindível que cada um de nós

aprendamos a significarmos nossa existência e descobrirmos o verdadeiro sentido de nossas vidas.

É importante que possamos sempre avaliarmos em quais valores pautamos nossas escolhas. Quais são nossos objetivos, metas ideais e propósitos que nos representam? Será que estamos sabendo apreciar e saborear as pequenas vitórias alcançadas? Quais são as marcas que estamos deixando gravadas no solo de nossa existência e no coração daqueles que nos rodeiam?

Não existe receita para a felicidade pois há um provérbio popular que diz que “o caminho se constrói ao caminhar!”, mas uma das setas indicadoras deste caminho é quando saímos de nós mesmos e transpomos a redoma que nos cerca em nosso mundinho particular, para cultivar relações interpessoais saudáveis pautadas na gratuidade, fraternidade e solidariedade.

No momento em que entendemos que somos seres únicos, singulares, mas que não podemos viver sozinhos e que por esta razão, somos responsáveis não somente pelo nosso bem-estar, mas por todos aqueles que de uma forma ou de outra usufruem ou são reféns de nossas atitudes, buscamos cada vez mais a viver uma vida pautada no amor e serviço ao próximo e conseqüentemente, tudo isso retorna para nós mesmos, nos deixando com um sentimento de completude e dever realizado.

Ao passo que exercitamos um projeto de amor desinteressado, altruísta, ético e servil, ampliamos a nossa sensibilidade para o entendimento do nosso próximo, dos seus anseios, de suas dores e de suas necessidades. E assim, percebemos que a nossa vida tem sentido quando envolvida na vida de outras vidas. Eis o segredo da construção da felicidade!

DJANIRA MENESES



Djanira Meneses da Silva nasceu na cidade de Santa Rita, mas foi criada em Solânea – Paraíba. Estudou no Grupo Escolar Antônio da Costa Solto e no Colégio Estadual Alfredo Pessoa de Lima. Fez graduação em licenciatura em História pela UEPB em Guarabira. Com trabalhos renomados na área artística, tanto como atriz como bailarina, viajou o Nordeste levando arte. Poetisa desde o primeiro lápis em sua mão, artista porque não consegue viver sem arte em seu cotidiano. Atualmente além de escritora atua na área de educação como professora de história. Publicou, entre outros: *Quem é essa mulher que gosta de poesia; Sem rótulos. Só afeto; Vila de Poesia* que foi classificado no Prêmio Tancredo de Carvalho de Literatura (Solânea, novembro/2020).

AYAHUASCA

Era noite de lua cheia, a floresta amazônica estava em silêncio, só se ouvia os gritos de Kalia que se embrenhou na mata adentro junto com sua irmã Kelua para dar à luz a sua primeira e única filha. No silêncio da mata escura, ecoavam os gritos de dor da mãe que paria escondida. Tinham andando muitas léguas, para que ninguém pudesse ver ou ouvir os seus gritos. Na sua tribo o nascimento de uma criança era celebrado com festa, com música e com cantos, mas Kalia não podia celebrar, sabia que aquela criança era fruto de uma paixão proibida e decidiu guardar o segredo. Aos 20 anos já devia estar casada, o seu pai o cacique Inigué tinha preparado para ela uma oca boa e dado todos os apetrechos para que ela iniciasse a sua fase adulta bem, tinha lhe escolhido um bom marido, que era o seu meio irmão, tradição na sua tribo o casamento entre os familiares, coisa que ela abominava. Em uma de suas tardes conheceu em um lago afastado Iluian guerreiro de uma tribo rival que roubou o seu coração, e durante várias luas se encontravam escondidos para viver o seu amor. Descobertos pelo cacique, o guerreiro foi sacrificado e sua carcaça jogada no rio, rio este que ela escolheu para dar a luz a uma criança fruto dessa paixão. Chamou a irmã para ajudar e fingiu por quase nove luas estar doente, até aquela noite. De cócoras na beira do rio deu à luz a uma criança menina, e deu o nome de Lanai graciosa como a lua. Cortou o cordão umbilical com uma pedra afiada, lavou a criança no rio. Deu o peito para que ela provasse o sumo da vida e tivesse força para continuar. Beijou a face de sua filha e a deu a sua irmã que a aninhou em seus braços, caminhou para dentro do rio

falando as mesmas palavras que falou em lágrimas quando viu o seu amor morrer:

Tudo que nasce morre. Tudo que morre renasce. Quem te ceifou a vida, um dia a dele será levada. Quem te ofereceu amor a vida será abençoada. A água leva o corpo enquanto a alma caminha para Tupã. Podem rasgar a carne agora, mas minha essência fará parte de tudo que está nessa terra, pois voltei a semente e Jaci me levará para a eternidade.

E caminhando se jogou nas águas frias do rio que raivoso a engoliu e assim seguiram de volta para a tribo Kelua carregando Lanai. Sem choro, apenas o silêncio e o breu que seguia na mata adentro. Lanai na tribo foi recebida como todas as crianças eram com festas, o cacique sabia que ali estava um pedaço dele, corria nos traços de Lanai os seus antepassados e Kelua não mentiu, contou a história, e o pajé abençoou a criança e deu para a própria Kelua criar, nas costas da pequena Lanai uma marca de uma lua crescente pronunciava o seu destino: será guerreira! Nasceu para lutar!

E na tribo Lanai cresceu e se tornou uma mulher forte e bela, seus traços marcavam a sua descendência. Os olhos acinzentados que a diferenciava de toda a tribo, e nas costas a marca de uma lua que pelo pajé a sua história jamais deveria ser contada, cresceu sabendo que sua tia era sua mãe e que seu pai morrera caçando. E assim tentava se encaixar em sua tribo mesmo sendo tão diferente, e sentido que ali algo estava sendo escondido.

No seu aniversário de 16 anos a celebração foi iniciada com o rito de passagem, agora Lanai mulher está pronta para casar, e o cacique escolherá para ela um de seus filhos, o guerreiro mais valente Iliapé que era o seu tio. A decisão estava acertada e quando Lanai fizesse os seus 18 anos ela iria para oca grande desposar o seu marido. Na mente dela, como poderia duvidar que aquilo era

certo ou errado? Não conhecia ninguém, não entendia de amor. Era tão nova em experiências que pediu ao cacique que levasse na próxima caçada para poder conhecer o mundo. O cacique sabia que foi em uma dessas andanças que sua filha se apaixonou por outro homem que não era a sua escolha, e ela era fruto desse amor, então a proibiu de sair da aldeia. Lanai não entendia o porquê já que todos na tribo podiam andar pela floresta, caçar e pescar em locais diferentes e ela não podia. Em sua oca foi falar com sua mãe. Chegando para perguntar sobre os motivos que o cacique a proibia de sair, encontrou ela deitada sem força e a levou para o pajé que logo disse: ela está com a febre da noite. Uma doença que entre os indígenas não tinha cura, sabia que em menos de duas luas a sua mãe iria morrer.

Kelua pediu para Lanai levá-la para sua oca, deu água na boca da mãe, espremeu ervas para fazer unguento e colocou mel em sua boca com farinha de mandioca para que ela não ficasse mais fraca. A lua cheia chegou e Lanai ouviu o pedido da mãe para sentar ao seu lado que ela queria lhe contar a sua história. Kelua contou do amor proibido de sua irmã que deu vida a ela e de como o seu pai foi morto pelo cacique e as últimas palavras de sua mãe antes de se jogar nas águas escuras. As lágrimas derramaram em seu rosto. Percebeu que mesmo estando a tanto tempo lá, jamais aquela tribo seria o seu lar. E após contar toda a verdade, Kelua partiu. Lanai chamou o pajé e a pira de fogo foi feita, o pajé chegou da caçada e foi encontrar Lanai para lhe preparar para ir morar na oca grande, não podia ficar sozinha. Lanai assentiu com a cabeça, mas os seus planos eram outros.

A pira foi acesa e ela entoou as palavras que sua mãe falou quando seu pai morreu e quando se jogou no rio, sua tia que até a pouco era sua mãe pediu que ela recitasse para ela, então ela falou e toda a tribo dos Xavantes escutou a sua voz:

“Tudo que nasce morre. Tudo que morre renasce. Quem te ceifou a vida, um dia a dele será levada. Quem te ofereceu amor a vida será abençoada. A água leva o corpo enquanto a alma caminha para Tupã. Podem rasgar a carne agora, mas minha essência fará parte de tudo que está nessa terra, pois voltei a semente e Jaci me levará para a eternidade.”

Depois foi para a sua oca ajeitar os seus pertences para poder partir, não para casar, mas para ser livre.

E era lua cheia quando ela partiu mata adentro, deixando pra trás todas as dores. E corria livre em meio ao barulho do vento, só pararia para descansar quando seu corpo não pudesse mais e depois seguiria para mais longe. Até se ver livre igual a sua verdadeira mãe queria.

Ao chegar na oca o cacique percebeu que Lanai havia fugido, chamou os melhores caçadores de sua tribo e disse: Tragam ela a qualquer custo, viva. Ela cumprirá o seu destino, mesmo que não queira. Os três caçadores sumiram na noite ao ouvir a ordem do cacique, sumiram no breu da noite e parecia que a escuridão os consumia, mas já estavam acostumados com a escuridão, nasceram ali e conheciam bem aquela região, poderiam sair de olhos fechados pois os seus pés sabiam o caminho de ir e de voltar para a aldeia.

Lanai parou para descansar na beira do rio, mal sabia ela que aquele mesmo rio levou a sua mãe, ela foi até a beira para pegar água e viu surgir uma grande jiboia, e em seu medo desequilibrou-se e caiu nas águas turvas do rio, naquele instante pensou que seria o melhor, pensou em desistir de nadar e apenas em se entregar as águas, e a grande ayahuasca que a fez cair. Sentiu algo se enrolar em seu corpo e em um leve aperto, seu corpo agora todo enrolado lutava, e quanto mais lutava mas a jiboia apertava, então ela desistiu, e apagou, não se sabe quanto tempo, mas ela sentiu uma leve sensação de felicidade.

Acordou em uma espécie de buraco, como um túnel, largo para caminhar, abriu os olhos e percebeu que não estava com frio, estava aquecida, tinha fogueira acesa, e um cheiro de peixe assado, e batatas cozidas. Pensou que o cacique tinha encontrado e colocado ela em algum local para a purificação, mas ao ouvir um barulho e virou para saber de onde vinha, percebeu um belo indígena com olhos pretos como a noite, que pareciam duas pedras de turmalina negras, ele a observava com cuidado, e ela com admiração. Pensou em como aquele belo indígena tinha a salvado da jiboia.

Ele se aproximou e lhe deu um pedaço de peixe, não falou. Ela por alguns instantes pensou em perguntar o seu nome, mas respeitou o seu silêncio, e tentou apenas com um gesto agradecer por esta salva. Então o silêncio foi quebrado quando ele falou: - Me chamo Yqché sou antigo como vento, já existia quando você nasceu. Sou filho de Tupã, de dia sou esse ser que parece humano e a noite sigo a minha sina de ser serpente a grande ayahuasca. Peço que não tenha medo, te deixarei ir quando quiser. Mas peço que fique um pouco, passei muito tempo sozinho e queria poder ter alguém pra conversar. A noite saio em busca dos que têm o coração impuro, os engulo, faço eles encontrarem minha mãe Jaci, mas tudo que eles têm em seus corações ficam comigo. Gostaria de conhecer a bondade e me parece que você tem, ontem você sorria enquanto eu de ayahuasca te apertava, você havia se entregado, nunca tinha visto algo assim. Me responda o porquê.

Sou Lanai, não entendo o porquê, mas não sinto medo de você e se me permitir contarei a minha história.

E Lanai contou a sua triste história e como havia chegado até aquele rio, como o seu avô o cacique havia matado o seu pai, e de

tristeza a sua mãe tinha entregado a vida para Jaci em um rio. Yqché ouvia a história narrada pela pequena indígena corajosa e se encantava com a força que ela tinha, com a garra e o desejo de ser livre. Passaram dias se conhecendo e dividindo conhecimentos e segredos até que ele lhe deu uma escolha: Tu poderás viver comigo aqui, ou tu pode sair e seguir um outro caminho, mas sei que um dia nossos destinos irão se cruzar. Hoje sairei para alimentar a ayahuasca e quando voltar ao nascer do sol, sei que se te encontrar aqui tu escolheu ficar, mas se tu não estiveres ficarei triste, mas saberei que tu escolheu a liberdade, te direi pra seguir a correnteza do rio, lá tu encontra a tribo de que um dia fiz parte, ao chegar diga: Yqché me mandou para ser livre e eles vão te acolher. Te deixo ir para a liberdade a noite me espera. Adeus.

Lanaí sabia que qualquer de suas escolhas ia ser dura, pois percebia que o sentimento que crescia em seu coração pelo Yqché era puro, mas também queria correr livre sem medo de ser pega pelos caçadores de sua tribo. Esperou o nascer do sol como quem espera um milagre, e viu chegando o indígena belo e sorrindo, ela não esperou que ele falasse nada e lhe disse olhando em seus olhos de turmalina negra: - Quero ficar, mas quero ser livre. Quero ser uma ayahuasca como você correr a noite livre, caçar e não sentir medo de nada, se tiver uma forma de Tupã me conceder essa glória eu quero. Yqché respondeu: não é glória ser só. Ser eterno. É uma maldição. Mas se tu desejas ficar comigo eu te darei essa sina.

Lanai e Yqché foram para dentro da caverna e lá havia uma pedra em formato de serpente que engole o próprio rabo, como em um círculo infinito. Abriu a sua mão e pegou na mão de seu amado, ele colocou suavemente a mão dela na fenda da boca da cobra de pedra, sussurrou em seu ouvido: Não tenha medo. Da boca da serpente saiu outra serpente negra e mordeu a sua mão, ela sentiu uma onda de calor e depois um frio intenso, acordou já em

forma de ayahuasca na noite caçando e nadando, sentiu uma liberdade que jamais sentira em toda a sua vida, acordou aninhada no colo do seu amado e essa foi a primeira noite de sua longa jornada de vida e liberdade.

FÁBIO MOZART



Fábio Mozar Marinho da Costa é militante das Letras e especialmente do Cordel. Ferrovário aposentado tem um papel importante na comunicação comunitária paraibana. Reside atualmente em Bananeiras.⁴ Email: mozartpe@gmail.com. Algumas de suas obras, além de 37 folhetos de cordel sobre os mais variados temas:

- Lira desvairada (Poemas)
- *Democracia no Ar* (Ensaio)
- *Manoel Xudu, o príncipe dos poetas repentistas* (Biografia)
- *A Voz de Itabaiana e outras vozes* (crônicas)
- *Laranja romã* (Poemas)
- *Artistas de Itabaiana* (Biografia)
- *Pátria armada* (Poemas)
- *História de Itabaiana em versos* (Poemas)
- *Retrato molhado* (Crônicas)
- *Poemas malditos em prosa, verso, gesto e grito* (Poemas)

⁴ Disponível em: <<https://www.recantodasletras.com.br/cordel/7439040>>. Acesso em: 29 jan. 2022.

ELEGIA PARA SOLÂNEA

Amigo Wolhfagon Costa
Eu quero lhe agradecer
Por me emprestar o seu livro
Que estudei com prazer
Sobre sua Vila Branca
Que me serviu de alavanca
Pra Solânea enaltecer

Seu trabalho militante
Preservando a memória
De Solânea e sua gente
Resgatando sua história
Prestando a reverência
Com amor e com decência
À cidade meritória

O meu humilde folheto
Dedico à contemporânea
Gente desta linda urbe
Conhecida por Solânea
Onde moro na divisa
Em marco que é baliza
De exultação simultânea

Bananeiras e Solânea
São assim meu duplo lar
Em dobrada geografia
Com um pé lá e outro cá
Igual cigano atoa
Também moro em João Pessoa
Vivo na serra e no mar

Manuel Batista Medeiros
Disse assim, com exaltação:
“Em Solânea não se entra
Sem expressar emoção
De Solânea não se parte
Sem levar a quota-parte
De feliz recordação”.

O poeta solanense
E seu olhar ufanista
Declara apenas apego
De trovador e artista
À terra que o viu nascer
Com o dever de esclarecer
Ao visitante turista

Que Solânea é capital
De um país chamado afeto
Aquele que aqui nasceu
É seu filho predileto
Seja rico ou seja pobre
No seu coração descobre
Esse apego concreto

Clicando na Rolleiflex
De Antonio Jararaca
Um antigo retratista
Que a memória destaca
Wolhfagon abre o tratado
Sobre seu torrão amado
E a saudade aplaca

Aurora fotografou
A Solânea dessa era
Também Alfredo Fabrício
A quem a missão coubera
De gravar em negativo
O retrato eterno e vivo
Que tanta saudade gera

Erguendo a cidade em pedra
Trabalhou o mestre Chico
Junto com Zé Araújo
No cordel eu certifico
Construíram grandes obras
Edificando eram cobras
Em concreto armado e rico

Wolhfagon elaborou
O projeto do Mercado
Obra de grande realce
Um dos maiores do Estado
Joaquim Nunes desenhou
Wolhfagon adaptou
E deu por inaugurado

Prefeito Arnóbio Viana
Concluiu esse projeto
No ano de oitenta e quatro
Sendo um gestor correto
Se Solânea evoluiu
Sua gestão confluiu
Para um caminho reto

Como retas são as ruas
Desta cidade tão plana
Um celeiro de artistas
Menos Arnóbio Viana
Que falou sinceramente
Não ter nenhuma vertente
De habilidade humana:

Joaquim Nunes desenhista
Projetou ruas e praças
Cinema e rodoviária
Ele deixou para as massas
Genialidade pura
Da perícia e da cultura
Que hoje são tão escassas

“Não sou atleta ou poeta
Não canto, não danço ou pinto
Não tenho talento algum
Da arte não tenho instinto
Me desculpo, pelo menos
Não sou desses obscenos
E sou sincero, não minto”.^(*)

Solânea deve ao Joaquim
O desenho da bandeira
Outro artista popular
Nessa cultura brejeira
Foi o grande Chicó Flor
Esse grande criador
Arlequim de meio de feira

^(*) No original: Sinceramente. Não sou atleta,/nem poeta...
/Não esculpo /Não canto. /Não danço. /Não pinto. /Das invirtudes /me
desculpo... /Pelo menos, Não minto!...

<<https://www.recantodasletras.com.br/prosapoetica/5079531>>. Arnobio
Viana. Enviado por arnobio viana em 24/12/2014. Reeditado em
17/04/2021. Acesso: 28 dez. 2022

Também Wilson Bandeira
Outro artista solanense
Merecendo o registro
Pois ao panteão pertence
Dos grandes mestres da arte
Levantando o estandarte
Merecendo que se incense

Zé Miranda e o mamulengo
Que o povo chama Babau
Foi um ícone em Solânea
Bonequeiro em alto grau
Com o teatro de fantoches
Suas loas e deboches
Pelo boneco de pau

Wolhfagon também registra
Lugares de convivência
Tal qual o “Ferro da bomba”
Centro de maledicência
O pátio paroquial
Que era também local
Das fofocas sem clemência

Outro ponto de fuxico
Barraca de Brasilina
Tradição do interior
Onde o povaréu opina
Metete o pau na vida alheia
Ninguém escapa da peia
Vão todos pra guilhotina

Um setor que se destaca
A indústria calçadista
Tem o Pedro Sapateiro
Zé de Flora, outro artista
Eufrásio com Manoel Mota
Ofertaram sua cota
Sob esse ponto de vista

Alfaiate memorável
Foi o grande mestre Bento
Costurando para os homens
Igual Artur Nascimento
Vieram de Pernambuco
Da terra beberam o suco
E aqui firmaram assento

Ele saca da memória
Muitos nomes populares
De gente que construiu
Nos bordéis e nos altares
No campo e na rua grande
Esse estuo que expande
Sinais de vida aos milhares

Para ele são exemplos
Da gente trabalhadora
Construtora de Solânea
Que a cidade é credora
Merecendo ser lembrados
Devidamente marcados
Para a geração vindoura

Jardineiro Celestino
Foi fundador do PT
João Patrício, Mestre Jorge
Esses ficaram à mercê
Da sanha da ditadura
Por lutarem com bravura
Insurgente dossiê

Maria Tinto, parteira
Também a dona Chiquinha
Enfermeiro Seu Cirilo
E quem passava meizinha
Zé Inácio e João de Fausto
Recuperavam o hausto
Do débil como convinha

Profissionais de saúde
De grande abnegação
Faziam de sua arte
Não apenas ganha-pão
Mas um exercício digno
No seu ofício benigno
Em prol da população

O carnaval de Solânea
Ele lembra com saudade
O bloco do Foiará
Provocação sem maldade
Milton Mago e seu Artur
Desfilando com glamour
Pelas ruas da cidade

Zé do Óleo e Adonias
Manezim da Bateria
Foliões rememorados
Campeões da alegria
Com Edjar do DER
A lembrança nos aferre

E a saudade seja a guia
Clube Grêmio Morenense
E o famoso Vila Branca
De Geraldo e Chico Alves
Jamais jogam na retranca
A cultura solanense
Nunca empata, sempre vence
E a deslembração desbanca

Wolhfagon Costa escritor
Nasceu, cresceu e casou
Na sua Solânea bela
Por vezes se ausentou
Mas a memória ele zela
E a nostalgia debela
Para isso ele estudou

“Um olhar sobre Tancredo
De Carvalho” é a obra
Escrita por Wolhfagon
Onde versado desdobra
Impressões de sua terra
Em cujo solo ele aferra
Seu amor que não soçobra.

FRANCISCO ARAÚJO



José Francisco de Araújo é natural de Solânea/PB. Escritor, dramaturgo, oficineiro de teatro para crianças e adolescentes pela Prefeitura Municipal de Solânea através do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV). É tesoureiro da Academia Solanense de Letras. É diretor de Núcleo da Cia Artística Fascinart desde 2009. Vem se destacar na montagem de peças em que dirigiu e escreveu os textos: *Vício Mortal* (2009, 2015 e 2019); *Em Busca de um Natal Perdido* (2010); *Clarice* (2011, em parceria com Djanira Meneses); *O Mendigo da piedade* (2011); *O baile de Noel* (2013, em parceria com Jucinaldo Pereira); *Cordel do vento* (2014,

em parceria com Djanira Meneses); *O grande encontro de Natal* (2015-2018); *O bosque do pássaro encantado* (2016, em parceria com Lucas Barbosa); *O sarau das artes vivas ou mortas* (2018-2019); *A grande lição do Natal* (2019), e vários esquetes produzidos pelo SCFV em temáticas das datas comemorativas anuais.

A sua formação acadêmica é como licenciado em Filosofia pelo Curso Livre de Licenciatura pelo Instituto Teológico Pedagógico da Paraíba – INTERPB. Escreve contos, romances, dramas, comédias e se destaca no subgênero literário – Realismo Fantástico. É classificado no Prêmio Tancredo de Carvalho de Literatura realizado pela Prefeitura Municipal de Solânea (2020), com o livro *Quando chegar o último tempo*. Lança pela Amazon (2021) *O cabeça virada*. Em 2021, participou de um livro de contos diversos em parceria com mais 4 escritores locais: *Contos coletivos: prosas solidárias*. Publica *O conto dos contos preferidos* (2022).

A FLOR CAMALEOA

No dia que a alma inquieta precisa limpar a névoa que cega a alma humana, o melhor remédio é percorrer a estrada que revigora ao corpo numa excelente escolha de ambiente espiritualizado,... caminhar para buscar forças para o corpo; energiza a alma para que se renove e pense que tudo tem jeito na vida.

Acontece no caminho de se encontrar pequenas coisas valiosas espalhadas em lugares impensados por meros humanos, mas para Deus tudo é proposital na sua infinita sabedoria quando deseja provocar o olhar de alguém que vaga carregado de conflitos mentais causados pelo excesso de informações e acontecimentos drásticos do dia a dia nestes últimos tempos de pandemia.

Neste dia de pensamentos avulsos, encontra-se algo delicado para acalmar a alma inflamada ao deixar-se acumular pelas indagações aos propósitos humanos inexplicáveis. Numa dessas idas em busca de alívio e repouso da alma, ver-se a bela flor chamada de “Camaleoa” que em cada estação do ano variava suas cores em tons cativantes com tanta beleza mostrada de uma única vez. Era a única flor de um jardim ao ar livre vista no descampado de plantas e matos inviáveis para serem ornamentados em jarros particulares, lá estava ela com seu pendão ereto segurando a corola base para as pétalas se alongarem e formarem o piso para as borboletas graciosas pousarem e se alimentarem de seu mel produzido lá dentro do centro onde estava a bacia do néctar que alimenta outros seres vivos.

Essa planta tinha pétalas aromatizadas que atraíam, pelo seu cheiro agradabilíssimo, pessoas que se aproximavam dela – os passantes avulsos descrentes de ver algo divino. A planta tinha referência exata de sua localização encontrada somente por quem procura diante do nada naquele descampado de região escolhida para que ela aparecesse do vazio e se tornasse vista por ser provocante em beleza. A tal, acabava sendo encontrada no caminho da mente deserta e abruptamente abria os olhos do admirador, levando-o a enxergar e ver somente o imaginável mundo da autoestima, do encorajamento, da vontade de lutar pelos ideais e sonhos distantes. Era uma indução natural que a planta oferecia exalando um perfume contagiante e delirante. Algo renovador acontecia quando aquela planta fascinante grita de beleza para que os olhos de qualquer um a visse e dissesse: – Que coisa linda, meu Deus!

No verão, tem uma mistura cor de fogo, m vermelho diferente de tudo que se conhece, espalhado com traços alaranjados, seguindo riscos de tons marrons e vagamente alguns tons de branco. No outono, com um bege deslumbrantemente variado no mesclado azul anil. No inverno, ficava cor rosa misturada com pedaços de amarelo e lilás suave. E na primavera?... Era quando ela mais se exibia com sua exuberância gritante. Ela esbanjava sua graciosidade em suas pétalas majestosas e harmoniosas. As pintas pretas e as brancas se destacavam perfeitamente em harmonia para ver o quanto essa dupla era imbatível, casavam perfeitamente. Ainda se encontrava pequeninas manchas de pink e lilás nas bordas da flor que confundiam em semelhança aos olhos daltônicos. Era tão linda de ver misturada a tantas cores que um bom observador pararia para querer compreender como que Deus desenhou e criou algo tão magnífico e bom para os olhos.

Sendo assim diante de tão fascinante espetáculo, preendi-me o olhar com tanta beleza, olhos completamente estupefatos. Via-se algo bom para acalantar a alma inquieta nestes momentos de pandemia. Fiquei extramente curioso com os traços delicados dessa preciosa dádiva deixada pelo ornamentista mais caprichoso do universo...

Todas essas cores juntas passaram a ganhar significados sugestivos conforme os traçados de cada cor ao fazerem quem observasse a pensar: o vermelho representaria o amor ardente, porém sincero, verdadeiro, em pleno arroubo juvenil. O verde do caule compridão daria todo o sentido para a imensidão da existência da natureza infinita. O azul?... Via-se o céu com toda a sua grandiosidade magnífica emprestando sua cor para que houvesse comparações de extrema sensibilidade entre os traços da flor e o deslumbrante universo azul. O branco? O branco seria para transformar os corações duros, feitos de pedra bruta, que seriam amolecidos, encontrariam a paz interior. O bege ficaria para representar a pele universal, nada de preto, nada de branco; teríamos o calor humano, o respeito e a tolerância – era o que importaria. Assim veríamos a transformação humana nas esquinas, nos lares, nos empregos. O amarelo feito ouro, afastaria a inveja, a ambição; faria acontecer os sonhos impossíveis. O pink espalharia alegria entre as famílias desajustadas; faria brotar sentimentos escondidos apagando mágoas, decepções, frustrações; aos poucos surgiriam alegria e felicidade. O rosa e o lilás fariam pensar nas patricinhas... as bonitinhas que exalam cheiro e beleza; elas desfilariam divinamente nas calçadas da tarde ventilada na lateral que a sombra refrescante tornaria tudo calmo; ficariam mais lindas! As moças se tornariam recatadas no vestir rosado mesmo que fosse uma única peça, valorizadas aos olhos dos interessados. Elas

exigiriam respeito absoluto dos causadores de incompreensão amorosa, amor incondicional de quem as visse com tanta delicadeza no primor dessas cores. Tudo rosa ou lilás, tudo em transformação para surgirem casais românticos e de amores para a vida toda. E o preto...? Este, sim, teria um grande valor! Na luz do sol, ele ficaria mais intenso, mais radiante, mais admirado; representaria os caminhos da vida traçado com determinação, pureza, confiança e respeito por todas as coisas variadas e imensas deixadas por Deus.

Essa reflexão de cores era o que passava toda vez na cabeça do passante fragilizado com as dores do mundo que observava os mínimos detalhes dessa flor Camaleoa, rica em mistura de cores tão bem distribuída. Era obrigatório parar, admirar aquela aquarela de cores delicadas que se faziam presentes aos olhos de quem quisesse ver a beleza das coisas e esquecer os malefícios que aprisionam a mente doente pelo acúmulo de resíduos maléficos que vão sendo absorvidos ao escutar o noticiário sensacionalista, exaltando o tempo de mortes coletivas (pandemia).

No caminhar de outro dia, segue-se a mesma estrada vazia, solitária e lá no meio do mato rasteiro devido a estação atual, pois se encontra neste momento o verão de calor insuportável, mas neste percurso pode-se sentir a brisa da tarde refrescante, agitando os cabelos teimosos a não ficarem arrumadinhos, vem-se a saudade da beleza da primavera quando as folhas caem, quando as flores aparecem, surge ela, a flor Camaleoa vista por altruístas que conversam com Deus como quem conversa com um amigo da praça para desabafar as dores lamentáveis de mais um dia de caminhada no centro de uma pandemia sem data de acabar.

Na mistura do calor com a brisa mansa da tarde de verão, ali se para..., se ver aquela flor exibida de beleza e de raridade

impressionante. Ela nasce do nada, em lugares imprevisíveis, aparecem para os olhares desatentos, prende-nos a atenção do andarilho que carrega o peso de dores alheias, faz com que tudo pareça leve ao contemplar aquela espetacular obra divina. Naquela paquera de flor e pedestre, nasce a certeza de que Deus existe. Alguém fez aquele deslumbre que acalma a alma, que limpa os olhos, que faz o resto do caminho ser leve e esperançoso.

No dia seguinte na continuidade da obrigação de atender a necessidade do corpo para buscar vigor, percebe-se a ausência dela, a flor Camaleoa. Nem o cheiro ficou entranhado no lugar, fica uma dúvida quanto ao lugar exato que foi vista pela última vez. Nasceu ao meio do mato inútil, morreu rapidamente em questão de horas e no vagar dos olhos encontra-se ela num outro lugar ainda solitária, esbanjando a sua exuberância com suas cores em tons mais ou menos intensos conforme foi vista anteriormente.

Por isso é chamada de flor Camaleoa pela sua mudança de cores e de lugares. Nem todos têm o poder e a capacidade de encontrá-la no caminho. Ela some por dias; reaparece quando menos se espera. No dia que a encontrar, baseando-se no sentido das cores, faça um pedido de coração puro que abranja no geral, tomado pela sua fragilidade por ser altruísta que lamenta e clama pelos menos favorecidos. Pare, olhe e sorria: ela vai relaxar sua alma!

GERALDO NOGUEIRA

FOTO

Geraldo Nogueira de Amorim é natural de Solânea, de onde sai para Cabedelo nos anos 1960, e depois reside em São paulo, onde se gradua em Ciências Humanas na Universidade de São Paulo. É pós-graduado em Literatura de Língua Portuguesa. De volta a Paraíba, entra para lecionar na Universidade Federal da Paraíba. Publicou os seguintes trabalhos: *Elos*, *Opúsculo*, *Vila Branca*, *Porto Vazio*. *Inês de Castro*, *O papel e a pena*, e *Família Nogueira Amorim*.

A CASA DA RUA DO SERTÃO

A casa estava lá havia muitos anos, um pouco recuada no ponto intermédio da rua. Quem levantou tinha intenção de construir um sobrado, mas, por falta de recursos, saiu parecida com uma casa mourisca: porta e janelas na frente e um alpendre no oitão, do lado onde o sol se levanta.

A rua corria pela Chã de Moreno, nome original do povoado, que mais tarde se tornou distrito do município de Bananeiras e, por fim, conquistou a autonomia política e administrativa, passando a se chamar Vila Branca, cidade independente. Moreno em homenagem aos fundadores do povoado, Vila Branca por outras motivações.

Casa de duas águas, frente para o norte. Dentro, sala, quartos, copa e cozinha; cômodos suficientes para o casal amparar os oito filhos, pois a filha mais nova e última ainda não havia nascido. O mais velho andava na casa dos dezessete anos de idade, braço direito do pai, pupila dos olhos da mãe.

Mobília simples, combinando com a casa, assim como com seus moradores. Na parede da sala, quadros com a imagem dos santos da devoção da família, e na cozinha, além do armário e o pote d'água, panelas de barro e fogão de lenha.

No terreiro de trás, roseiras, jasmineiro, sabugueiro e um pé de alecrim; um quintal coberto de aves e de árvores, árvores frutíferas de variados tipos, os passarinhos faziam festas toda manhã. No fundo do quintal, uma nesga de terra, terra boa para o plantio de milho e de feijão.

Uma cerca de avelós dividia o terreno da descida para a aldeia de Abel Targino, com água corrente o ano inteiro. Acima do vale, a subida para a Chã de Santa Tereza, com a capela do mesmo nome, da época em que os carmelitas passaram evangelizando os nativos e catequizando os curumins.

A vizinhança pequena. Uma casa aqui, outra ali, uma terceira mais adiante. De um lado, Luís Januário, Acácio Costa e suas irmãs Belisa, Júlia e Mariinha, as Tetês, como eram conhecidas. No fim da rua, a usina de agave, no limite da estrada que segue para o Sertão, onde no fim da tarde, o sol se esconde por trás da serra.

O lado do nascente mais povoado, a começar pela barbearia de seu Amâncio, que, enquanto cortava os cabelos dos clientes, ficava a pensar o que se passava na cabeça dos homens. Em seguida vinha a oficina mecânica de mestre Jorge, o chalé de seu Agripino e a casa dos irmãos João e Zeca Pinto, que abatiam gado e vendia carne fresca na feira livre.

O arruado, propriamente dito, começava a partir do casarão de Joaquim Cacheado e se estendia até o largo da Capela de Santo Antônio, padroeiro de Vila Branca. Da Capela para frente, destacava-se a Rua Grande, com sobrados e casarões. Terminava, ou começava, conforme o ponto de vista, na esquina do Solar do Comendador Costa, na frente do Grêmio Morenense, palco dos principais acontecimentos sociais e políticos, desde a primeira sessão solene da Câmara Municipal, a instalação da Comarca, passando pelas festas de formatura e bailes de debutantes.

A Vila Gama, logo em seguida, remete para o primeiro dissidente da Igreja Romana que chegou à região e levantou uma tenda para o culto da doutrina luterana.

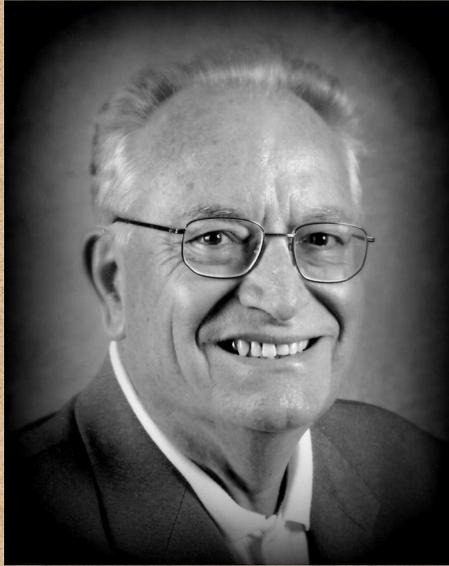
Na descida para a cidade de Bananeiras, avista-se o casario colonial e a matriz da Senhora do Livramento, de costas para a estação ferroviária. Caminho do mar costurado pela linha de ferro que conduzia o comboio de trem para a Capital e de lá para o terminal portuário de Cabedelo, porta de entrada e de saída para o mundo.

De Cabedelo vinham secos e molhados que abasteciam a pequena praça comercial. A impressão que se tinha indicava que a maioria dos produtos era importada; seda da China, linho holandês, queijo do reino, vinho do Porto, batata-inglesa, carne do Ceará...

Impressão apenas, diziam os tropeiros da Borborema: o pão francês era fabricado ali mesmo, na padaria de Macilom Pinto. Sua esposa, Dona Tílinha, era prima legítima do dono da casa em revista.

O que pouca gente se dava conta era que boa parte da matéria-prima dos artigos era fruto da terra, saía das mãos dos lavradores, embarcava nos porões dos navios, passava pelas fábricas e voltava, a preço de outro, em forma de produto industrializado, para o consumo de quem podia desfrutar.

JOSÉ FLOREN



Josephus Joannes Felix Martha Floren é belga de nascimento e nordestino por opção. Desde 1971 está à disposição da igreja no Brasil. Dirigiu a Paróquia de Santo Antônio em Solânea de 1971 a 1981. Foi o primeiro reitor do Santuário Padre Ibiapina em Santa Fé.

Há anos divulga a vida de Padre Ibiapina na edição de livrinhos e santinhos, *posters*, *banners*, camisetas, talhas, cerâmicas e num programa semanal de rádio. Divulgou em CDs hinos e louvores ao Padre Mestre. Enriqueceu o museu em Santa Fé e embelezou o espaço sagrado do Santuário.

Continua orientando e fornecendo material a estudantes para fazer suas monografias sobre Padre Ibiapina.

Ao longo de décadas garimpando na internet o Padre Floren formou um valioso arquivo de textos publicados nos jornais dos tempos passados. Para este tesouro não ficar engavetado publicou com Padre Ernando Teixeira o livro *Padre Ibiapina por nossos bispos*.

Agora está preparando novo livro *Padre Ibiapina por nossos poetas*. Uma coletânea de folhetos, rimas, poemas e cantos, tendo como tema Padre Ibiapina. Assim quer valorizar a poesia de cordel e dos violeiros, nossos poetas populares.

A Padre Floren devemos a imagem do Padre Ibiapina com uma moringa na mão, para lembrar o cuidado de Padre Ibiapina pela água e criou a invocação: “Padre Mestre Ibiapina, inspirai-nos!”

PADRE IBIAPINA, SOLÂNEA TE AGRADECE!

Padre Ibiapina renomado advogado, famoso deputado que trocou a toga pela batina, com 47 anos tornou-se padre-missionário itinerante. Colocou Santa Fé, em destaque no mapa do Brasil.

No começo da segunda metade do século dezenove o Capitão Antônio José da Cunha, rico senhor do engenho Poções e de muitas terras em Areia e lá fora, levantou uma casa na zona rural na freguesia de Bananeiras e deu a este lugar o nome de Santa Fé. Hoje Santa Fé é um distrito de Solânea.

Na inauguração daquela casa ouviu-se uma voz profética de Maria d'Abreu, uma mulher do povo:

“Não se iluda que esta propriedade não é sua. Esse lugar há de ser habitação de muita gente; virão pessoas de muitos lugares louvar e bendizer a Deus e todos admirarão a importância a que chegou Santa Fé”

Esta profecia está se realizando.

Dona Cândida Americana Hermógenes de Miranda Henriques, a mulher do capitão Cunha não gostou do lugar por ser um lugar esquisito, de mata fechada, de onças e cobras. Construíram outra casa numa pequena rua de casas, onde está hoje o centro de Arara e deixaram a casa Santa Fé.

A convite do capitão Cunha o Pe. Ibiapina pregou “Missões” em Pilões e na redondeza. O eloquente Pe. Ibiapina pregou com tanto entusiasmo a favor de estabelecer uma casa de Caridade para a orfandade e doentes que a mulher do Capitão decidiu doar Santa Fé para este fim, como promessa por ter escapada do cólera.

A propriedade Santa Fé de 120 ou mais hectares, com uma moradia de pedra (*hoje é a casa de residência com uma âncora na fachada, símbolo da Fé, “Santa Fé é porto seguro!”*), várias casas de taipa, e mais vinte vacas, cinco garrotas, e cinco novilhas foram doadas para o Padre Ibiapina fundar um “*Hospital da Caridade*”, como consta na escritura que foi lavrada no Cartório de Bananeiras, em 25 de agosto de 1858.

A casa foi instalada em 1866. E Dona Cândida foi a primeira superiora.

Entre 1874 e 1875 Pe. Ibiapina edificou aí ao lado uma casa bem ampla, hoje chamada de “Casarão”.

No manuscrito-jornal de 1885(?) *Governo providencial de Deus*, lemos: A Casa de Caridade tem 83 órfãs e 53 Irmãs de Caridade, e mais 11 órfãos e 13 Irmãos Beatos, chegando a um total de 160 pessoas.

Nas Casas de Caridade não faltava a educação religiosa, ensinavam-se a ler e escrever, tinham aulas de matemática, história e geografia. Ali as meninas e moças aprendiam a cultivar a horta, a tecer, a bordar e costurar, a fazer curativos nos doentes e a praticar a caridade.

Nos jornais da segunda metade do século dezenove, publicados no Rio de Janeiro, São Paulo, Salvador, Recife e Fortaleza e até em Manaus e Curitiba encontramos dezenas de referências a Padre Ibiapina. Destaca-se suas Casas de Caridade. A Casa de Santa Fé era a matriz das demais fundadas na região nordestina. Ela era a menina dos olhos benditos de Pe. Ibiapina. Foi uma obra radiosa, humanitária, social, educativa e religiosa, não somente em benefício dos órfãos, doentes e desvalidos mas para toda população da região.

Nos últimos sete anos de vida, paralítico e com crises de asma, o celebre missionário ficou preso a uma cadeira de rodas e a sua cama em Santa Fé. Mesmo assim orientava e ordenava todas às Casas de Caridade por cartas. E aconselhava o povo.

Na terrível seca dos anos 1877-1879, que foram anos de fome, doença e nudeza, Pe. Ibiapina mandou Irmão Ignácio de Santa Fé pedir esmolas no Recife, Salvador e Rio de Janeiro, para o sustento das suas 22 Casas de Caridade.

Levas de flagelados do Agreste, do Brejo e do Curimataú chegavam naquele pátio da Casa de Caridade, pedindo água, comida e roupa. Da boca de Ibiapina ninguém nunca ouviu um não.

Pe. Ibiapina, o Pai da Pobreza, faleceu no dia 19 de fevereiro de 1883, aos 77 anos, com fama de santidade. Seu túmulo em Santa Fé se tornou logo lugar de romaria.

No coração do povo humilde sua memória resistiu à ação corrosiva do tempo.

Também os intelectuais e escritores do século passado, entre eles Celso Mariz, Gilberto Freyre, José Lins do Rego, Josué de Castro, José Américo de Almeida e muitos outros, falam com admiração do Pe. Ibiapina como grande sacerdote, como educador e protetor do povo.

Mas(!) os bispos e padres durante quase cem anos silenciaram Padre Ibiapina.

O ano de 1983 foi o começo da grande mudança. A partir dos estudos sobre Pe. Cícero foi redescoberto o gigante Pe. Ibiapina. Foi ele que inspirou Pe. Cícero, Antônio Conselheiro, o beato Lourenço, Pe. Rolim e tantos outros.

Para muitos o Pe. Ibiapina, já tem a fama dos santos. Mas com a abertura do processo de canonização em Roma no ano de 1991, nasceu a esperança que o Apostolo da Caridade seja levado à dignidade dos altares pela maior autoridade da igreja.

Depois que os jornais do norte ao sul do Brasil e a rádio e tevê noticiaram esta boa notícia cresceu muito o número dos visitantes em Santa Fé.

Na celebração dos 200 anos de nascimento do Servo de Deus no ano 2006, foi inaugurado o Anfiteatro, para receber as multidões de peregrinos. O Casarão se tornou centro de formação pastoral da diocese. E Santa Fé foi oficialmente reconhecido como “Santuário Padre Ibiapina”.

Hoje como no passado, o Padre Mestre está arrastando multidões para Santa Fé, um lugar abençoado, sereno e de muita paz, onde o povo louva a Deus pelas graças recebidas e invoca nos seus pedidos a intercessão do santo Ibiapina. O Santuário abriga também um dos museus mais simpáticos do interior da Paraíba. Com certeza tem aí um potencial turístico religioso muito grande.

Padre Ibiapina, inspirai-nos!

Solânea te agradece.

KELSON KIZZ



Kelson Martiniano Fausto de Macêdo, filho de um bananeirense e de uma descendente da Vila de Moreno, se diz um paraibano nascido na Terra da Garoa, que retorna ao lar na Rua José Pessoa da Costa com dois anos de idade e finca suas raízes em solos brejeiros, de onde retirou todos os nutrientes que alimenta a sua arte.

Historiador por formação, eterno aprendiz da UEPB. Poeta por inspiração, dono de diversos decassílabos e poesias. Cantor por profissão, sendo a atração em grandes eventos, Ator por vocação, atuando em peças e filmes. Compositor por paixão, sendo gravado por diversos artistas e romântico sem correção, algo notório em seus escritos e feitos.

B + A = ?

Você me ensinou com suas atitudes que a vida nem sempre pode ser simples, porque nós não somos simples e se fosse sempre simples, não seria a vida.

Você me ensinou em silêncio que nesse emaranhado de perguntas, nem sempre temos as respostas e quando as temos, não sabemos se são as certas, mesmo assim precisamos responder.

Com suas atitudes, você me ensinou que sempre irá me ouvir, aconselhar, quem sabe até chorar comigo, porém nem sempre estará de acordo com minhas decisões, mesmo apoiando.

Você me ensinou com suas atitudes que o amar pode ser belo e sempre nos torna mais forte, mesmo quando fraquejamos diante das dificuldades.

Você me ensinou com um gesto que mesmo sofrendo, algumas coisas precisam e terão que ser feitas e por fim o que menos importa é quem as fez.

Com suas atitudes, você me ensinou que cada dia que acordo ou durmo pensando em você, não é vão, pois em algum lugar no futuro estamos sempre um esperando um pelo outro;

Quieta, tu me ensinaste que as palavras por si só de nada serve, nem sempre o que proferimos é o que brota em nossos corações, os olhos sempre são mais sinceros;

Você me ensinou com seu riso frouxo que eu jamais posso desistir de mim, pois as pessoas que me AMAM não o farão e o universo sempre estará conspirando ao nosso favor.

A sua maneira você me mostrou que amor não se mendiga, você tem o que você oferta e só assim a vida faz sentido.

Você me ensinou com suas mãos que preciso aceitar as qualidades e os defeitos alheios, pois é soma deles que nos tornam humanos.

Foi sua respiração que me *doutrinou* que nem sempre que nos entregarmos ao DESEJO, estaremos fazendo AMOR, mesmo que seja isso que esteja em jogo.

Você me ensinou com seu abraço que existem diferenças entre até logo, tchau, até amanhã e adeus, porque adeus, a DEUS pertence;

Com a mão em punho me fez ver, que se eu não fizer por onde as coisas vão ficar do jeito que estão e se não formos atrás do que queremos, nunca teremos, é preciso fé e determinação que aos poucos tudo se encaixa.

Você me ensinou muda, que sempre que meu telefone tocar e for você, possivelmente você estará precisando de alguma coisa e um dia, talvez, quem sabe? Pode ser de mim.

LAILTON BASTOS



Lailton de Oliveira Bastos nasceu, no dia 31 de agosto de 1960, no sítio Chã da Aldeia, no município de Solânea. É graduado em Estudos Sociais e História pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB. É funcionário público concursado na rede estadual de ensino, exercendo suas atividades laborais na cidade de João Pessoa como professor. É autor do livro *Solânea, a Idade da Razão* em sua primeira edição (1987) e segunda edição (2014)

LEMBRANÇAS DOS ANTIGOS CARNAVAIS EM SOLÂNEA

Como é bom lembrar de nossa infância e reviver fatos que ficaram na memória e que nos trazem boas recordações.

Ao recordar o carnaval da minha infância e juventude, lembro que o primeiro bloco que saía em Solânea era o “Folharal da quarta-feira”, que nas quatro quartas-feiras que antecedia o carnaval, desfilava pelas principais ruas da cidade anunciando que ia haver os festejos. Era composto por jovens da sociedade como Demétrio, Janúbio e tantos outros que saíam com suas fantasias confeccionadas com sacos de estopa e folhas de crote, penduradas nos sacos e cantando seu hino que assim dizia: “O Folharal sai nas quartas-feiras anunciando o carnaval”.

Os bailes de carnaval e as matinês para as crianças realizados no Grêmio Morenense, animavam os dias de folia. O que ficou marcado em minha memória até os dias de hoje, foi a presença e a alegria de Arthur Silva, Adauto Silva, Valmir Silva, Varnete esposa de Jacob e tantas outras pessoas da sociedade solanense, jogando seus confetes e serpentinas nos foliões dentro dos bailes no Grêmio Morenense como no carnaval de rua.

Após as matinês, a orquestra de frevo saía pela Rua Celso Cirne animando o tradicional carnaval de rua, puxando um grande número de pessoas que ao som das marchinhas, cantavam, dançavam e se divertiam. Tinha também o famoso mela-mela com o talco ou até mesmo a famosa “maisena”, onde se jogavam nas pessoas que estavam indo no percurso. Mas nada era motivo de chateação ou briga, pois já fazia parte da tradição da folia.

O Bloco dos Índios, comandado por seu Pedro dos Índios também animava o carnaval de rua de nossa cidade de forma muito original e tradicional. O Bloco do Ganso tendo à frente Dino Maranhão sempre trazia alegria para as ruas de nossa querida terra.

O “Boi de Zé do Óleo” era outro bloco composto por vários homens trajados de vaqueiro e um deles se trajava de boi, usando uma fantasia tipo “cabeça de boi” com um par de chifres grandes e vários chocalhos no pescoço. Lembro-me de uma vez que meu primo José de Arimatéia, residente em João Pessoa, mas que sempre passava o carnaval em Solânea na casa dos meus avós paternos, Pedro Sapateiro e Maria Alves, mais conhecida como Mãe Lica, teve um grande susto por conta deste bloco. Ele estava bebendo uma cerveja na bodega de Gabriel da fala fina, próximo à Praça 26 de novembro, quando de repente entra o boi com os vaqueiros e ele disse que quase morria do coração, com o barulho dos chocalhos e as cacetadas que davam nos chifres do boi, mas que depois foi só alegria! Atualmente este primo é delegado da Polícia Civil e já foi plantonista em Solânea.

Havia ainda outras agremiações conhecidas como Escolas de Samba. Existia uma comandada pelo grande incentivador da cultura solanense, o nosso querido José Martins de Souza, o Zuca (in memoriam) que reunia a nata dos homens, mulheres e jovens da sociedade de Solânea. Outra escola, conhecida como escola de samba de Gilberto Romão também animava o carnaval de nossa cidade. Eu fazia parte da Escola de Samba de Gilberto Romão e fazia questão de brincar todos os dias de carnaval.

Outro fato marcante e esperado por todos era o tradicional “Banho de Cascata” ao amanhecer da quarta-feira de Cinzas, quando a Orquestra de Frevo saía do Grêmio Morenense com os foliões até a Praça 26 de Novembro encerrando assim o carnaval da cidade a cada ano. Eita tempo bom que vivenciamos e que não volta mais!

Para resgatar um pouco da riqueza dos nossos antigos carnavais, o Grêmio Morenense criou o Baile “Vermelho e Branco”, que já está em sua 13ª edição e acontece, no último sábado que antecede o carnaval, com um grande baile dentro do Clube, no qual todas as pessoas se vestem de vermelho e branco e podem participar deste momento de diversão. Segundo o presidente do Grêmio, Helton Martins de Souza, a cada ano, o baile escolhe personagens históricos para a cultura da cidade a serem homenageados e em sua última edição em 2019, o casal homenageado foi Zuca e Títula, exemplo da alegria reinante do período carnavalesco.

Em 2020 e 2021, por ocasião da pandemia da COVID 19 que assolou o mundo, não houve o tradicional baile no Grêmio Morenense nem o carnaval de rua em nossa cidade. Neste ano de 2021 pelo fato da pandemia ainda não haver sido contida, também não haverá o tão esperado carnaval, mas isso não impede que as lembranças de tempos passados ainda estejam nas nossas mentes mantendo acesa a chama dos nossos corações.

LENIÉE CAMPOS MAIA⁵



Nascida em Solânea (26/05/55) e educada no Recife/PE. Médica pela UFPe. Mestre em Patologia pelo Departamento de Patologia e professora-adjunta do Departamento de Patologia do Centro de Ciências da Saúde – CCS/UFPe. Médica do Serviço de Verificação de Óbitos de Pernambuco. Arteterapeuta pela Clínica Pomar/RJ. Contadora de histórias pela Fundação Gilberto Freire/Grupo Zumbaia. Idealizadora e coordenadora do “Programa MAIS: Manifestações de Arte Integradas à Saúde”-PROEXT/UFPE de 2007.2 a 2019.1. Coordenadora do Ponto de Leitura MAIS no Hospital das Clínicas/UFPE de 2010 a 2019.1. Publicou: *O fio que sonhou ser um rio*; *Areias: um pensar sobre o tempo*; e *Ensaio sobre o tédio*. Prêmios: BANDEPE Valor Pernambucano – Arte e Cultura, 3º lugar em fotografia, 2002; I Concurso MUHM de Fotografia – categoria amadora, 1º lugar, 2009; Prêmio Cultura e Saúde 2010 – MinC – 1º lugar; Prêmio Pastoral da Saúde em Humanização, 2012, 1º e 2º lugares; Prêmio ENEXT 2014 – 1º lugar.

⁵ Convidada a participar da Academia Solanense de Letras, senti-me bastante honrada por ser uma amante das Artes e ter pela Literatura paixão descoberta na primeira infância e que desde então me acompanha. Tenho na fotografia minha principal forma de expressão. Assim sendo, venho compartilhar parte de um trabalho fotográfico já exposto e ainda não publicado.

O OLHAR E O VER

O olhar é muito mais do que função fisiológica. Tem sua própria linguagem e representa um universo carregado de sentido.

A sociedade vem desenvolvendo, nas últimas décadas, um olhar cada vez mais rápido, resultante da urgência das novas normas sociais impostas e ampliadas a cada dia, sequestrando nossa capacidade contemplativa. Isso resulta em um “ver” cada vez mais superficial e diluído.

Este trabalho é resultado de imagens capturadas nas florestas de eucaliptos, em Baía Formosa, situada no litoral extremo sul do estado do Rio Grande do Norte, cercada por florestas de eucaliptos, coqueirais e mata nativa.

Batizada pelos portugueses em 1612, encantados com sua beleza, Baía Formosa ainda respira um ar inexplorado, apresentando uma diversidade natural impressionante, expressa por suas dunas, lagoas, praias desertas e a maior reserva de Mata Atlântica do Rio Grande do Norte.

A exuberante natureza da região convida o olhar a demorar-se contemplativo, mergulhado nas diversas texturas, cores e formas, descortinando imagens e permitindo “ver” além da superfície.



Figura 1: Papagaio – Ensaio *O olhar e o ver.*



Figura 2: Capricórnio – Ensaio *O olhar e o ver.*



Figura 3: Mulher – Ensaio *O olhar e o ver.*

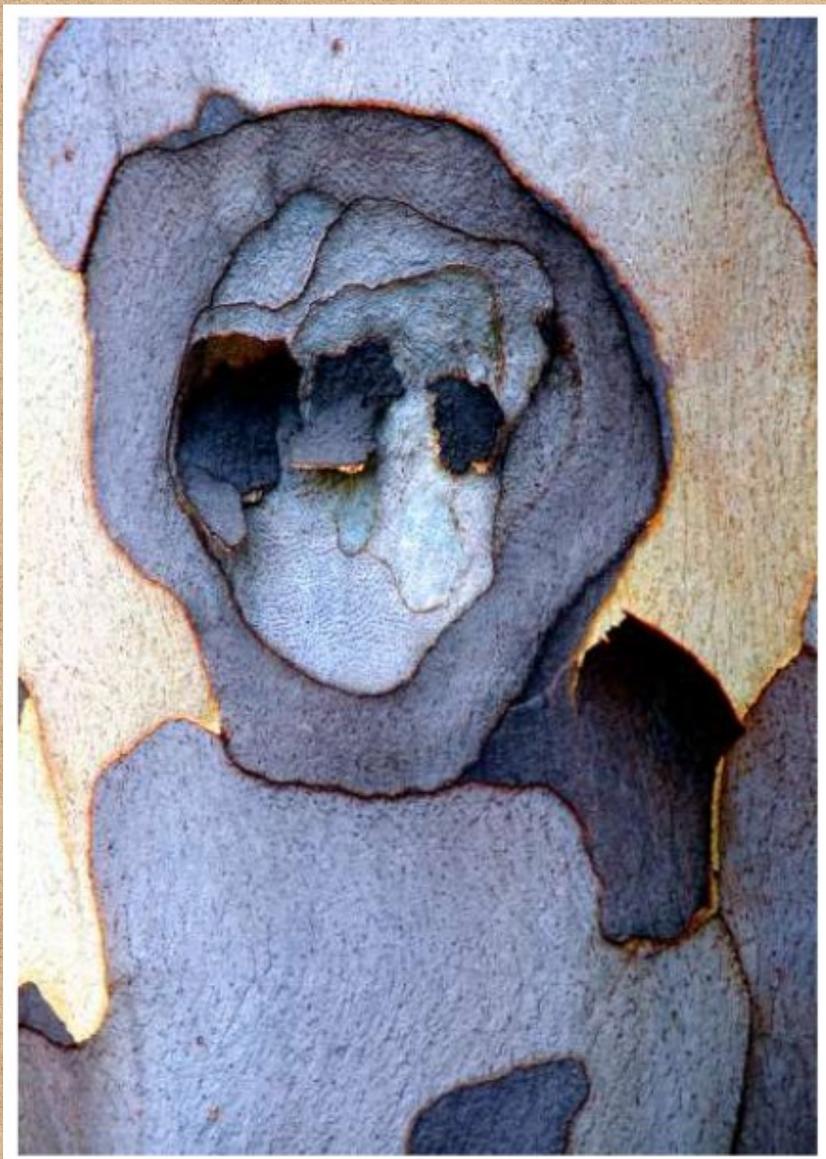


Figura 4: Mago – Ensaio *O olhar e o ver*.

LIESSE SILVA



José Liesse Silva. Formado em Direito pela Universidade Estadual da Paraíba, no ano 2000. Advogado militante, desde o ano de 2003. Ex-assessor jurídico do município de Solânea. Poeta com livro publicado no ano de 2021, cujo título da obra é *Identidade*.

O AMOR

I

O amor, na dificuldade tudo suporta,
Mesmo que a tristeza bata nossa porta
É nos faça, da emoção, um refém.
É na hora que se falta ajuda,
Vem ele de repente e tudo muda
Aí se ver a força que o amor tem.

II

Num momento, então, dito sem saída,
O amor vem nesse instante e muda a vida,
E a vida feliz dele provém.
Quando se quer perder a esperança,
Vem o amor correndo e nos alcança,
Aí se ver a força que o amor tem.

III

No instante de muita partição
Vem o amor para se ter a união.
Com amor há inexistência de desdém.
A gente pode tê-lo a toda hora,
Ele é forte e nunca vai embora,
Aí se ver a força que o amor tem.

IV

O amor transcende, assim, a nossa alma,
Torna-nos sereno e com muita calma
O júbilo sem fim dele advém...
O coração fica cheio de abrigo,
E nos faz perdoar um inimigo,
Aí se ver a força que o amor tem.

V

O amor nos passa sempre a mensagem
Que vale a pena no coração a sondagem:
Pra que não se faça mal a ninguém.
Se a gente fraqueja com o semelhante
Convoque-o nesse exato instante,
Aí se ver a força que o amor tem.

VI

No prélio, nas brigas familiares,
Nas contendas vividas nalguns lares,
O amor não se coaduna com o ódio de ninguém.
É a mão amiga que nos guia,
Quando ele chega, chega a alegria,
Aí se ver a força que o amor tem.

VII

No amor não existe nada de amargura,
Seu campo de atuação é a ternura
E preenche sempre nossa alma sem querer cobrar em
troca nenhum preço.
Com ele, nada, nada é avesso,
Aí se ver a força que o amor tem.

VIII

Com o amor não existe Antagonismo,
Que leva o homem à beira do abismo
Quando se instiga, na dialética, alguém.
O amor acaba com as aflições,
Faz amainar os duros corações,
Aí se ver a força que o amor tem.

IX

O amor os semelhantes aproxima,
Levanta o astral, um bom clima,
Tal benefício faz sem olhar a quem...
Pra aqueles que olham a vida com furor,
Coloca cada um no seu valor,
Aí se ver a força que o amor tem.

X

O Amor deve estar todo momento
Sempre, sempre no nosso pensamento,
Embora da vida no vai-e-vem.
Muitas vezes a vida te dá espinho,
Mas o amor nunca te deixa sozinho,
Aí se ver a força que o amor tem.

XI

O amor nos torna muito mais capazes
De convergir com o irmão com as pazes,
Praticando, assim, um enorme bem.
Quando há alerta, um sinal vermelho
Somente o amor é nosso espelho,
Aí se ver a força que o amor tem.

XII

Em síntese, no amor tudo se aplaca
Ele não se debilita, não se afrac
Não desencoraja, enfim, ninguém.
O coração com amor se agita,
Com amor a vida fica mais bonita,
Aí se ver a força que o amor tem.

LINDALVA DE OLIVEIRA



Lindalva de Oliveira Lima é filha de Alberto Raimundo de Lima e de Agripina Francisca de Lima. Nasceu em Solânea (então, Moreno/Bananeiras), aos 22 de janeiro de 1942. Foi professora em Solânea e casada com Raimundo de Oliveira, Juiz de Direito e diretor do Colégio Estadual Alfredo Pessoa de Lima. É autora de *Felicidade Menina* (Ideia Editora: João Pessoa, 2017).

GRATIDÃO AO MEU TORRÃO BREJEIRO

Como posso falar bem deste meu gostoso solo que recebeu meus avós na época de uma seca grande no sertão, Catolé do Rocha! Deixando tudo para trás vieram com seus dez filhos onde encontraram aqui o que precisavam para viver.

Moreno naquela época pertencia a Bananeiras, nossa cidade mãe, de onde recebemos grande apoio.

Nossa região aonde todos chegavam com segurança de recomeçar a vida. Eram muitas famílias e era costume ficarem morando perto.

A rua em que nasci hoje João Fernandes de Lima era conhecida como Rua do Sertão.

Tudo era bom! Aqui se vivia com liberdade, sem medo da sede e da fome. Um lugarejo onde todos eram amigos e se ajudavam.

A agricultura era a riqueza da terra com seus plantios de café, pimenta do reino e fumo. No quintal de nossa casa, tinha muitos plantios de pimenta, café e muitas árvores frutíferas. Meu pai cultivava o fumo desde as sementeiras até o plantio. Também fazia a preparação e confecção das cordas para vendê-las no comércio.

Conhecida como Moreno, nasceu nessa região amada pela natureza, com sua gente maravilhosa que chegava com vontade de trabalhar. É conhecida como altaneira e serrana, um planalto sobre a Serra da Borborema.

Que belas noites vivíamos naquela época ouvindo os concertos dos pássaros a cantar e voar livremente. Os sapos se juntavam com suas famílias para nas noites de chuvas cantarolar as mais belas canções para os moradores. As fruteiras eram belas, floridas,

enfeitavam todo o lugar. Gostosas frutas e em quantidade. Tudo era favorável para se viver bem.

A maioria das pessoas andava a cavalo. Raramente víamos automóveis. Mas Moreno foi crescendo e já via a necessidade de clarear as ruas. Então um senhor da cidade de Borborema conseguiu fazer chegar a luz elétrica até nós. Lembro que os postes eram feitos de madeira e tínhamos direito até nove horas da noite. Depois se apagavam.

Como era bom brincar nas noites de lua... correndo, cantando! As famílias se visitavam e ali ficavam apreciando a alegria dos filhos em suas brincadeiras.

Naquele tempo não existia televisão, nem telefone. Um vizinho que possuía um rádio ou vitrola, já sabia, com certeza, que alguém apareceria para ouvir também.

Era lindo como todos amavam Nossa Senhora! O sino da igreja tocava às 6 horas da noite para lembrar a todos de rezar três Ave-Marias. Na minha casa eu corria e ficava perto do plantio de rosas e belas florzinhas para fazer a oração. Como era bom!

Meu pai tocava muito bem concertina, que era um “fole de oito baixos”, a mesma de Seu Januário, o pai de Luiz Gonzaga. Tocava muitos números bonitos para ouvirmos! Sentado, no terreiro da casa, tocava *Saudades de Matão*, *Malandrina* e outras, para nos alegrar!

As chuvas, quando chegavam, não respeitavam ninguém com seus relâmpagos e trovoadas para alegrar e fazer medo. Eu mesma sofria na época do inverno.

Tantas coisas belas passam pela minha cabeça ao olhar para trás!

O frade italiano, Frei Damião, não tinha preocupação com o frio porque a cidade dele é gelo, Bozanno. Então saía às quatro horas da madrugada acordando todos para saírem cantando e rezando pelos caminhos.

Uma coisa que me lembro muito era quando os proprietários traziam o gado do sertão para passar uma temporada no brejo; e, quando as chuvas voltavam por lá, o gado também se ia para seus pastos.

Amo esta cidade em que nasci. Vivi toda a infância e adolescência desfrutando do seu amor. Quando criança brinquei demais e ajudei a meus pais.

Na minha adolescência, foi fundada uma Escola de Comércio, pelo padre Fidélis. No primeiro dia de aula, conheci o professor de português – um jovem, de 21 anos, sertanejo de Cajazeiras que mudou o rumo de minha vida. Menina, de 17 anos (eu já trabalhava como professora municipal). Resolvemos, diante de Deus, fazer a experiência de namoro. E, naquela época já pensava em mudar de trabalho, e fiz concurso para enfermeira do SESP; aprendi muito para a vida.

Sou grata a Deus por tudo. Hoje, com 80 anos e em breve, 60 anos de casados, formamos uma bela família para a glória de Deus.

Meu marido, Raimundo de Oliveira, foi Juiz de Direito nesta cidade por 10 meses. Logo depois, passou num concurso da Justiça do Trabalho ficando 36 anos na magistratura; trabalhou em várias cidades. Em Natal, foi presidente do Tribunal. Hoje, aposentado como desembargador e realizado por ter encontrado esta brejeira. Por isso sou feliz em exaltar este recanto que sempre me elevou.

MARIA DOS ANJOS



Maria dos Anjos de Oliveira foi da Juventude Agrária Católica (JAC), criada aí por Padre José Rodrigues Fidélis. Representou esse movimento na Paraíba, num Congresso internacional de Lourdes na França, em maio-junho de 1960, tendo que me dedicar a criação do movimento, no interior do Maranhão 1961, e São Paulo, 1962. “Daí, estive comigo no Congresso o jovem rural, João Almeida, que ao voltar dedicou-se ao Sindicato Rural e, em seguida, à Contag, em Brasília, depois no Rio, onde viveu por alguns anos.

Em 2008, perdi meu marido e resolvi, em 2013, voltar a minha Paraíba. Hoje, vivo em João Pessoa, cidade que muito gosto.

Com a morte do meu marido, aposentada, resolvi escrever. Lancei meus primeiros quatro livros com 70 anos. Eis a minha produção: *Recordações de meu bem*; *Orações de uma viúva*; *Terceira Idade: perdas, crises e ganhos*; *O papel da música e da dança na terceira idade*; *Terceira idade, realidades em poesias*; e *Biografia*. Tudo começou em SOLÂNEA!”

CASAMENTO

Afinal o que será,
Por que quem está sozinho
Deseja sempre casar
E quem está acompanhado
Deseja sozinho ficar?

Onde está essa questão
Por que tanta confusão
No ato de se juntar?

O certo é que muita gente
Nem sabe o que é casar
Sequer sabe viver só
Nem tão pouco se amar
Como junto de alguém,
Conseguir se ajustar?

Casamento é coisa séria
Requer força de vontade
Tolerância, compreensão
E muita maturidade!
Ser preparado pra vida
Amar com intensidade

Compreender a si mesmo
Com suas limitações
Saber perdoar o outro
Escutar reclamações
Revisar sempre atitudes
Aprender novas lições!

Respeitar o seu parceiro
Sempre lhe dar atenção
Ser amigo(a) companheiro
Abrir sempre o coração
É coisa de gente sábia
Não é pra criança, não!

Há pessoas nesta vida
Que não sabem partilhar
Preferem viver pra si
Não aprenderam a amar,
Assim, devem viver só
Jamais pensar em casar!

Quando olho pra você, meu querido,
Sinto saudades sem fim.
Foste um presente de Deus,
Generoso, atencioso, prestativo
Carinhoso, responsável, até o fim!
Nosso amor nos fez crescer
E jamais nos oprimir!

ROBERTO ANTERO⁶



⁶ **José Roberto Antero da Silva.** Natural de Bananeiras, mas criado e considerado solanense. É sócio-correspondente da ASL em São Paulo – SP. Email: jranteros@gmail.com.

BATERIA PROVIDENCIAL

Em uma curta temporada de forçadas férias no ano de 2021, decidi esfriar a cabeça e passar uns dias na casa dos meus pais, em meio à pandemia.

Surpreendida ao saber que eu havia chegado a Solânea, a Marci, uma amiga com quem interajo há anos através das redes sociais, quis, em razão da reciprocidade do carinho dispensado em nossa amizade virtual, conhecer-me, assim como eu a ela.

Fomos, meu irmão e eu a procura de sua casa pelas estradas de barro em um sítio, no Casserengue.

Ao chegarmos lá, a receptividade envolvia alegria e a sensação de já nos conhecermos havia um milhão de anos, tanto que, em questão de minutos, já nos encontrávamos na sala de refeições e, para a minha surpresa, lá estava exposto o maior orgulho de toda boa dona de casa: suas baterias com quase duas dezenas de painéis de alumínio polidos refletindo a luz do Sol.

Fiquei impressionado com a quantidade e teci elogios ao passo que aquela imagem me remeteu a uma lembrança engraçada e, eu não hesitei em contá-la.

Era o ano de 1977. Na época, morávamos na Gov. João Fernandes de Lima, em frente ao saudoso Café Poderoso. Café Poderoso!!! Eita, rapaz, que saudades do aroma que ficava no ar durante o processo de torrefação...

Mas, então; ao primeiro boato de que as casas estavam sendo invadidas por ladrões enquanto os moradores dormiam, como medida de alerta e segurança, a minha mãe posicionava a sua bateria junto à porta da cozinha para que, na eventualidade de algum bandido forçar a porta, as panelas caíam fazendo barulho e isso, inevitavelmente, assustaria o marginal e ele daria no pé.

Porém, um detalhe passava despercebido pela minha mãe: a possibilidade de que ousassem em destelhar uma abertura que desse passagem ao sujeito era bem mais viável porque envolvia cuidados. E, a prova disso, é que, numa noite qualquer, uma tentativa dessa foi posta em prática na casa dos saudosos Seu Teixeira e Dona Rosalina, pais do também saudoso Ivamberto.

Todas as noites era um sufoco para arrastarmos a bendita bateria até a porta e, numa delas, por volta da meia-noite, parece que o “artefato de segurança” funcionou.

O meu pai estava ausente no acampamento com a equipe de funcionários do DER e, por volta da meia-noite, enquanto dormíamos, fomos acordados pelo barulho das panelas ao chão. Acordamos apavorados e temendo pelo pior. E, depois de quase termos um ataque de tanto ofegarmos, a minha mãe, com ares de heroína, pegou o cordão de São Francisco e, em encorajou a irmos até a cozinha para vermos o que tinha acontecido e se a casa também havia sido invadida.

Ao chegarmos ao ambiente, tremendo e na pontinha dos pés, nos deparamos com as panelas ao chão e o “miminho” equilibrado no topo da nossa Torre Eiffel, a bateria.

Moral da história daquela noite: havia sido o gato quem contribuía ainda mais para o nosso susto e tormento!

SOLÂNEA D'OUTRORA

Solânea já não é mais a mesma onde vivi. Ela se tornou uma velha senhora exposta em um portal de livre acesso para todo o mundo vê-la como quem olha para uma vitrine em busca de uma grife que lhe agrade.

Os novos tempos trouxe a ela a tecnologia, diversificou conceitos e moldou a arquitetura de suas casas habitáveis em ponto comercial.

Eu olho para a minha cidade e me teletransporto ao seu passado.

Ao tempo exato onde a simplicidade genuína estampava o rosto de cada conhecido.

Pessoas, amigos, desconhecidos, confundem-se em meio à história e a atual realidade do que ela já foi: uma cidade pacata, de pessoas simples, de sotaque regional e sem noção alguma do idioma inglês.

Pode ser que alguns achem que Solânea continue sendo a mesma. Mas, a meu ver e entender, não é.

Ela mudou completamente!

Está diferente de tudo o que era genuíno.

E eu temo que com o passar do tempo ela venha a desaparecer – não da face da terra –, mas, em sua essência, e se torne apenas um polo comercial em vez de um lugar para se viver e para se continuar a viver.

Apelo para que não a abandonem e, peço por favor que não deixem que os futuros novos habitantes a destruam.

Eu preciso que façam com que ela continue sendo um lugar habitável, para que, os que estão distantes – como eu – sintam-se motivados a regressar nem que sejam por alguns dias, pois, não sabem o que é sentir saudade, da cidade às pessoas...

E quando eu falo de saudade, fica implícito a saudade que eu sinto de todos os que interagiram em minha vida por lá...

Solânea, por incrível que pareça, já não é mais a mesma.

Algumas pessoas já não existem mais e outras partiram para nunca mais voltar.

E os que voltam de tempos em tempos, como eu, se sentem como forasteiros em meio a essas ruas divididas em novos quarteirões dando passagem às ilusões do progresso.

E, quanto às pessoas, poucas são as que conheço.

E quanto às que eu conheço, não podem conter a saudade que sinto do tempo que deixei para trás e do muito que me faz falta...

Olhando esta foto estampada nessa terra de ninguém, recordo de todas as vezes em que propositalmente andei descalço pelas ruas dessa cidade em plena alegria de viver na companhia de Amigos, projetando sonhos no auge da minha adolescência.

Mergulho e me perco em meio a uma imensidão de lembranças e sinto de repente um nó se formar em minha garganta de tanta saudade que sinto daquele tempo que eu sei que não volta nunca mais... Ê, Solânea... Você é um casarão imenso de incontáveis janelas que abriga uma família imensa da qual eu faço parte.

Não importa o tempo que eu tenha ficado distante.

Não importa o tempo que eu fique sem tocar o teu chão.

Eu sempre voltarei para me reabastecer da energia que há em ti, para sentir a brisa em teu final de tarde, e o cheiro de terra molhada quando cai à chuva.

Eu sempre estarei com o pensamento em ti e sempre me lembrarei que os melhores capítulos do livro da história da minha vida foram escritos em ti.

Até sempre!

SABARÁ

Deixa eu te contar uma história!

Eu nunca, jamais vou esquecer, do dia em que cheguei a São Paulo movido pelo desejo de ser útil na vida.

Era o dia 12 de abril de 1988. Fui acolhido na casa de um casal de Amigos que me estendeu a mão durante muitos anos em sua convivência.

Na noite daquele dia, fui convidado para jantar na casa de conterrâneos que moravam na casa principal dentre três edículas destinadas a locação.

E, o que me deixou mais curioso e com água na boca com o convite feito pela anfitriã foi o fato de que seria servido de sobremesa uma fruta que, na mente dela eu jamais teria provado.

Fiquei horas imaginado que fruta poderia ser e, até fantasiei os poderes mágicos que ela poderia gerar em meu organismo pois, pelo entusiasmo da fala, só poderia ser algo para lá de especial.

20 h e, lá estávamos nós sentados à mesa farta com um cardápio muito bem-apresentado pois, ela cozinhava muito, mas muito bem, de verdade e, eu que não sou de sentir fome, de repente, me vi faminto porque o aroma da lasanha e da variedade de coisas que ela preparou para várias pessoas ali presentes era realmente de fazer a qualquer um passar vexame entre a repetição de pratos de forma moderada, *of course*, né?

Então...

Mas, a bendita sobremesa parecia ser o *grand finale* do banquete e, ela fez um certo suspense.

Até então eu não conhecia caqui e ela trouxe caquis à mesa para que saboreássemos, nos lembrando que o caqui não era a fruta surpresa prometida, mas, o “sabará”.

– Sa-ba-rá?

Oxente, *my God*; mas, que nome para uma fruta misteriosa?! Pensei comigo, mas, considerando ser o caqui, para mim, uma grande novidade porque, eu não conhecia e achei gostoso demais.

Comi dois.

Cinco minutos depois, ela avisou que havia chegado o momento.

Perante Deus...

A anfitriã além de ser muito simpática e saber recepcionar bem aos seus convidados, quase me matou de suspense.

Em uma travessa de inox ela trouxe a tal porção de sabará, me pediu para que eu fechasse os olhos, me serviu em uma taça em inox, igualmente, e pediu para que, com a mão, eu levasse o sabará à boca e provasse.

Ao mastigar o tal sabará, identifiquei o sabor e por pouco não cometi a gafe de mencionar a palavra ja-bu-ti-ca-ba, pois, até hoje, não entendo porque cargas d’água, ela que pertence a mesma região e cidade que eu, fez suspense de algo que era comum ao nosso conhecimento e paladar, criando uma suspense especial.

Não há uma única vez que eu saboreie jabuticaba e não me lembre desse episódio e ria intimamente.

CÉU PRETO

A minha mãe ficava horrorizada toda vez que eu dizia que o céu estava preto na iminência da chuva. E ela, por sua vez, me repreendida pedindo para que eu batesse em minha boca por causa dos castigos de Deus e que era pecado dizer que o céu ficava preto, e sim, pardo.

Mas, de onde será que vinha tanto temor assim, meu Deus?

Por qual razão Ele se ofenderia ao me ouvir falar assim naturalmente sem a menor intenção de macular a cor do céu se a mudança repentina de sua cor, assim como as das nuvens, alternavam por causa do inevitável processo que culminaria com a chuva, chuva esta que era um convite irrecusável para a meninada fazer do temporal uma folia onde se lavava o corpo e a alma nas poças d'água com lama e ladeira abaixo onde havia?

Que tempo bom era aquele, ainda que os trovões estremecessem o espaço do pequeno céu que pairava sobre as nossas cabeças, e os raios incandescentes nos fizessem fechar os olhos ante o risco de sermos atingidos e eliminados por um deles. Talvez fosse justamente este o medo da minha e das outras mães quando viam no horizonte o céu escurecer tornando noite o dia, inquietando os seus corações até o momento em que a chuva parasse de cair e o Sol voltasse a brilhar.

Vira e mexe, o céu fica preto por aqui.

Espero que a minha mãe não fique sabendo disto. Senão...

WILSON BANDEIRA



Wilson Bandeira da Silva nasceu aos 8 de julho de 1957, em Solânea. É cantor, compositor, pintor, multi-instrumentista e restaurador de móveis antigos. Ganhou por duas vezes o Forró Fest (uma no ano de 1994; e outra, em 2002 – como cantor e compositor). O artista destaca que “minhas músicas sempre falam de algo que acontece no nosso meio, e no final, eu consigo transmitir uma verdadeira lição de vida”. Wilson se apresentou no exterior, em países como Alemanha e Bélgica, e levou um pouco de nossa história e nossas tradições culturais.⁷

⁷ Disponível em: <<http://www.focandoanoticia.com.br/solanea-ultimo-cd-de-wilson-bandeira-faz-grande-sucesso/>>. Acesso em: 12 abr. 2022.

SOLIDÃO A DOIS

Solidão
Deixe em paz meu coração
Ele não aguenta mais
Tanta dor e ingratidão

Solidão
Nem com outra teve jeito
De te arrancar do peito
Ser feliz e querer bem

Pois você enraizou
Feito árvore secular
Não deixando mais
Amar quem um dia foi feliz

O que foi que eu te fiz
Se eu errei aonde foi
É que a pior solidão
É a solidão a dois

WOLHFAGON COSTA



Wolhfagon Costa de Araujo (Prof. Ofinho) nasceu na Rua 13 de Maio, 165, e foi criado na Avenida, em Solânea e adotado por João Pessoa – Paraíba. Estudou no Grupo Escolar Celso Cirne e no Colégio Estadual Alfredo Pessoa de Lima, na cidade natal, e na Escola Técnica Federal da Paraíba. Ex-professor do IFPb e da UEPb. bacharel em Engenharia Civil; licenciado em: Letras, Geografia, Matemática, e Pedagogia. Especialista em: Gestão da Educação Municipal; Tradução Espanhol/Português; Literatura brasileira; Engenharia ambiental; Educação ambiental; e Planejamento de Cidades Inteligentes. Doutor em Ciências da Educação. Publicou, entre outros: *Um olhar sobre Tancredo de Carvalho e outros solanenses*; *Registros de uma viagem: um paraibano na Alemanha*; *Crônicas e Causos: aos 58 de minha idade, e 60 de Solânea*; *Contos coletivos de quarentena*; e *Contos coletivos: prosas solidárias* (coautoria). *Contos de quarentena* foi classificado no PRÊMIO TANCREDO DE CARVALHO DE LITERATURA (Solânea, novembro/2020) e, em seguida, no PRÊMIO MARIA PIMENTEL (Paraíba, dezembro/2020). É presidente da Academia Solanense de Letras. Email: wolhfagon.araujo@gmail.com.

FESTA DE ARROMBA

A festa era daquelas fantásticas que promovia o sodalício fundado por Leôncio Costa e outros sonhadores de uma Moreno pujante, com banco e jornal próprios. O Grêmio Morenense, embora o mesmo prédio de 1924, já alegrava uma Solânea não tão poderosa, como imaginada, mas radiosa, garbosa e gentil. Em que pese a dureza dos anos de 1964, havia uma juventude que lutava e brincava: ora na Uses, ora no Grêmio... Bom, isso é para contar um caso ocorrido no Grêmio nos anos dos Beatles, do Iê-Iê-Iê. O Jovem guarda, na TV Record, apresentado por Roberto Carlos, Erasmo Carlos e Wanderléa: Faziam parte do elenco os conjuntos (bandas): Renato e Seus Blue Caps, Golden Boys, Os Vips, Trio Esperança, Pholhas, The Fevers, The Jordans, Os Incríveis, The Jet Blacks, The Brazilian Beatles; e os cantores: Martinha, Jerry Adriani, Leno e Lílian, Vanusa, Dick Danello, Waldirene, Enza Flori, Wanderley Cardoso, Demétrius, Ronnie Von, Deny e Dino.

No embalo daquela noite festiva da juventude solanense, o jovem Luiz – considerado um atrevido dançarino, quer dizer, não se incomodava com os possíveis e não raros cortes que as meninas lhe davam: nem sempre aceitavam seus convites para uma dança. Havia o rock, a dança solta, mas bom mesmo era uma música lenta, para um agarrado sensual (um sarro era melhor de que os movimentos do iê-iê-iê). Mas as duas coisas não eram excludentes: era legal pular; eram bom bailar...

Luiz marca presença no assustado. Nem é custoso lembrar que havia tomado uns três litros de Ron Bacardi com Coca-cola e limão: ele, Dado, Penon e outros parceiros. Sem contar que tomaram umas quatro meiotas de Rainha, preparando-se para a

festa, no bar de Luiz da Bronca. A ideia sempre era tomar uma meiotá. Ninguém nunca cumpria. Pedia-se uma meia garrafa; depois, mais uma meiotá... Era a prévia, o aquecimento para a noitada, que não se encerrava todavia no Grêmio; se estendia ao cabaré, à Nova Brasília, a substituta do Toco.

Luiz parte para uma investida. Meio cambaleante, pela circunstancial ingestão do produto cubano, o galante vai ao encontro de uma bela jovem, sorridente e atraente, de pernas à mostra proporcionada pela minissaia de bolinhas amarelinhas – uma tentação para época – dir-se-ia. A beldade aceita, por pura educação, o convite donjuanesco de Luiz.

– A garota quer.... me dar o prazer da dança?! – gaguejava para a moça, já pegando em seu braço...

– Vamos... mas só uma, viu?!

Liz se empolga e parte para um ataque mais efetivo:

– A jovem, se ainda não tem pretendente, aceita que eu vá até sua casa? Simpatizei muito com você e queria uma coisa mais séria...

A bela ouvia a declaração étílico-amorosa e meio rindo, sem jeito para dar uma resposta...

Luiz, estás doido! Quando chegar em casa vou falar pra papai... tuas presepadas na festa; não respeita nem a irmã!....

DOSE DUPLA

Tia Luzia – irmã de vovó Belinha – morava em Bayeux, na Rua Pedro Ulisses. Fiquei uns dias na casa dela, logo que vim estudar na ETFPb (1973), antes de ir pra república da Av. Primeiro de Maio, em Jaguaribe. Tomava um ônibus de Bayeux até a Lagoa, de onde vinha a pé pra Jaguaribe. Era uma maneira de economizar. Era duro!

Tia Luzia ficara viúva e morava só.

Pro banho costumeiro – de antes do almoço –, tomava um cálice de pinga. Na primeira vez que a flagrara assaltando o armário (uma mistura de cristaleira e petisqueiro), onde guardava o líquido estimulante, perguntei-lhe:

– Tia, pra que é isso?

– Pra abrir o corpo, meu filho! – e virava o copo.

Quando menos espero, tia Luzia volta do banho e, novamente, se dirige ao armário, pra pegar a garrafa.

– E aí, tia. Pra que isso agora?

– Pra fechar o corpo, meu filho! – e virava o copo de novo.

BALA U

Na nossa casa, tínhamos, todavia, um utensílio que fazia a nossa alegria. O bicho triturava tudo. Banana, maracujá, laranja, abacate. O pé de abacate de tio Zé, do fundo do quintal, era o principal fornecedor. Abacate com leite passado naquele aparelho era uma delícia... um manjar que mamãe preparava pra gente.

Ah, Dona Eulina não tinha porte daquela arma! Ela detinha a posse já que fora comprada na loja de seu Assis Serrão – creio. Eita, arma perigosa! E se Onyx visse a metralhadora *Arno* lá de casa...

Tinha três descansos. O bala U de Enedino – o guarda-noturno da Rua Celso Cirne – só tinha um. Aliás, ninguém registrou um tiro ou um alvo do guarda: seja por falta de clientela, seja pela sua sovinice. Numa das raras vezes em que Enedino precisou apertar o gatilho, a pedido de Joca, seu colega de lida, não atirou, disparou um brado:

– Você paga a bala, Joca?

E o 22 de Enedino seguiu virgem. De fato, não me lembro bem se era um Rossi 22 ou um Taurus 38. Só sei que não era *Arno* nem *Walita*!

DUREZA RECÍPROCA

Certo dia, Carlos Alberto e eu, fomos à Praia de Tambaú tomar uma cervejinha Pilsen, da garrafa buchudinha, menor do que a tradicional. Conversa animada, o solteirão Carlos falando de uma paixão recolhida e coisa e tal... O tempo passando. O pé da parede do bar, repleto das garrafinhas... Pedimos a conta.

– Tu tens dinheiro aí, Wolfinho? – me interpela Carlos.

– E tu, tens quanto? – respondi-lhe com outra pergunta.

Os dois lisos, duros de grana e moles pelas cervejas, confiando um no outro. A solução foi pedir ajuda a um amigo. Telefonamos para José Balbino que, de imediato, veio nos socorrer. Balbino chegou, pagou a conta. E começamos outra rodada!



REVISTA SOLANÁCEAS Nº 01

APOIO CULTURAL:

PREFEITURA MUNICIPAL DE SOLÂNEA
DIRETORIA DE CULTURA



L&M TELECOM



UFPB/CAMPUS III



LOJA MAÇÔNICA JOSÉ PESSOA DA COSTA

GRÊMIO MORENENSE

PACTO URBANISMO

XMAIS CONSTRUÇÃO E LOCAÇÃO